

NÚCLEO DE APOIO À PESQUISA EM ETIMOLOGIA E HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

GENTÍLICOS DERIVADOS DE “BRASIL” E
O “PORTUGUÊS DE TORNA-VIAGEM”
EM FONTES PORTUGUESAS DOS SÉCULOS XVI, XVII e XVIII



NEHiLP

Catálogo na Publicação (CIP)
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

P213g Papavero, Nelson.
Gentílicos derivados de “ Brasil” e o “Português de torna-viagem” em fontes portuguesas dos séculos XVI, XVII e XVIII [livro eletrônico] / Nelson Papavero ; [coordenador da série monográfica]: Mário Eduardo Viaro. -- São Paulo : NEHiLP/FFLCH/USP, 2019.

3.584 Kb ; PDF. -- (Arquivos do NEHiLP, ISSN 2318-2032 ; v.17)

ISBN 978-85-7506-351-4

DOI:10.11606/9788575063514

1. Literatura portuguesa – História e crítica. 2. Língua portuguesa - História – Séculos 16-18. 3. Linguística histórica. I. Viaro, Mário Eduardo, *coord.* II. Título. III. Série.

CDD 869.09

Elaborado por Charles Pereira Campos CRB-8/8057

Nelson Papavero
Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo
Pesquisador Sênior do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e
Tecnológico (CNPq)

**GENTÍLICOS DERIVADOS DE “BRASIL” E O “PORTUGUÊS
DE TORNA-VIAGEM” EM FONTES PORTUGUESAS DOS
SÉCULOS XVI, XVII e XVIII**

FFLCH – USP
SÃO PAULO
2019
DOI 10.11606/9788575063514

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
REITOR: Prof. Dr. Vahan Agopyan
VICE-REITOR: Prof. Dr. Antonio Carlos Hernandes

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIENCIAS HUMANAS
DIRETORA: Profª. Dra. Maria Armanda do Nascimento Arruda
VICE-DIRETOR: Prof. Dr. Paulo Martins

COMISSÃO ORGANIZADORA
COORDENAÇÃO GERAL: Mário Eduardo Viaro
PRODUÇÃO GRÁFICA: Érica Santos Soares de Freitas
EDIÇÃO, PREPARAÇÃO E REVISÃO: Érica Santos Soares de Freitas

ARQUIVOS DO NEHILP
Núcleo de apoio à pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa
www.usp.br/nehilp/arquivosdonehilp
arquivosdonehilp@usp.br

CONSELHO EDITORIAL:

Aldo Luiz Bizzocchi	Marco Dimas Gubitoso
Artur Costrino	Margarida Maria Taddoni Petter
Bruno Oliveira Maroneze	Mariana Giacomini Botta
Carlos Eduardo Mendes de Moraes	Maria Filomena Gonçalves
Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa	Mário Eduardo Viaro
Daniel Kölligan	Martin Becker
Elis de Almeida Cardoso Caretta	Michael J. Ferreira
Érica Santos Soares de Freitas	Nelson Papavero
Federico Corriente	Nilsa Areán-García
Francisco da Silva Xavier	Paulo Chagas de Souza
Graça Maria Rio-Torto	Phablo Roberto Marchis Fachin
José Marcos Mariani de Macedo	Safa Alferd Abou Chahla Jubran
Joseni Alcântara de Oliveira	Sandra Aparecida Ferreira
Mamede Mustafa Jarouche	Sílvio de Almeida Toledo Neto
Maria Clara Paixão de Sousa	Solange Peixe Pinheiro de Carvalho
Manoel Mourivaldo Santiago Almeida	Valéria Gil Condé
Marcelo Módolo	Volker Noll

ISBN 978-85-7506-351-4
ISSN 2318-2032
DOI 10.11606/9788575063514

Arquivos do NEHiLP

Núcleo de apoio à pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa

www.usp.br/nehilp/arquivosdonehilp

Volume 17: 1- 77, 2019.

ISBN 978-85-7506-351-4

ISSN 2318-2032

DOI 10.11606/9788575063514

Nelson Papavero

Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP
Pesquisador Sênior do Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico (CNPq)

GENTÍLICOS DERIVADOS DE “BRASIL” E O “PORTUGUÊS DE TORNA-VIAGEM” EM FONTES PORTUGUESAS DOS SÉCULOS XVI, XVII e XVIII



Núcleo de apoio à pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa (NEHiLP)
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH)
Universidade de São Paulo (USP)
São Paulo
2019

RESUMO

Os gentílicos derivados de “Brasil” designaram, no passado, os índios brasileiros, a Língua Geral e finalmente todos os nascidos no Brasil. É interessante notar que esses nomes apareceram tardiamente na literatura de língua portuguesa – apenas nos séculos XVII e início do XVIII. E, ao contrário do que seria de esperar, são relativamente pouco frequentes. Assim, temos os seguintes *termini a quo*:

“Brasiliense” – Ambrósio Fernandes Brandão, 1618.

“Brasílico” – Bertolameu Guerreiro, S. J., 1625.

“Brasiliano” – Frei Manoel Calado, 1648.

“Brasileiro” – José Soares da Silva, 1706.

“Brasil” – Bluteau, 1712.

“Brasileiro” foi também empregado para referir-se a portugueses que, tendo vivido certo tempo no Brasil, aqui fizeram fortuna e regressaram a Portugal. Eram os chamados “Brasileiros de torna-viagem”. Neste sentido, o mais antigo texto por nós encontrado, em que surge essa designação, foi o de Antônio Carvalho da Costa, de 1706. Por outro lado, “Brazileiro”, como designativo de um continuado exercício, tráfico ou ofício, foi proposto por Hipólito José da Costa em 1822, para designar os traficantes de pau-brasil. Neste sentido, curiosamente, não foi encontrado em nenhuma fonte anterior. São também incluídas as variantes desses gentílicos e citações ulteriores, com a respectiva literatura.

Palavras-chave: Gentílicos derivados de Brasil, Brasileiro de torna-viagem, Traficantes de pau-brasil, *termini a quo*.

ABSTRACT

Gentilitial names or adjectives derived from “Brasil” have designated, in the past, the Brazilian Indians, the Lingua Geral and finally all those born in Brazil. It is interesting to note that those names have appeared tardily in the Portuguese language literature – only in the 17th and the beginning of the 18th centuries. And, contrariwise to what would be expected, they are relatively unfrequent. Thus, we have the following *termini a quo*:

“Brasiliense” – Ambrósio Fernandes Brandão, 1618.

“Brasílico” – Bertolameu Guerreiro, S. J., 1625.

“Brasiliano” – Frei Manoel Calado, 1648.

“Brasileiro” – José Soares da Silva, 1706.

“Brasil” – Bluteau, 1712.

“Brasileiro” was also employed to denote a Portuguese who, having lived for a certain time in Brazil, there built up a fortune and returned to Portugal. Those were the so-called “Brasileiros de torna-viagem”. In this meaning, the oldest text found, where this designation appeared, was that of Antônio Carvalho da Costa, in 1706. On the other hand, “Brazileiro”, as a designation of a continued exercise, traffic or trade, was proposed by Hipólito José da Costa in 1822, assigned to brazilwood traffickers. Curiously enough, with this meaning, the term was not found in any other source. Variants and further citations of those names, with the respective literature, are also included.

Keywords: Gentilitial names and adjectives derived from “Brasil”, “Brasileiro de torna-viagem”, Brazilwood traffickers, *termini a quo*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 BRASILIENSE	10
1.1 1618 – BRASILIENSE – Ambrósio Fernandes Brandão	10
1.2 1641 – BRASILIENSE – Diogo Gomes Carneiro	11
1.3 1666 – BRASILIENSE – George Cardoso	11
1.4 1781 – BRASILIENSE, BRAZILIENSE – Frei Santa Rita Durão	11
1.5 1789 – BRASILIENSE – Francisco Antonio de Sampaio	12
2 BRASÍLICO (A)	14
2.1 1625 – BRASILICO – Bertomaleu Guerreiro, S. J.	14
2.2 1652 – BRASILICO – George Cardoso	15
2.3 1660 – BRAZILICO, BRAZILICA – Francisco Manuel [de Melo]	16
2.4 1675 – BRASILICA – Francisco de Brito Freyre	17
2.5 1712 – BRASILICO – Raphael Bluteau	19
2.6 1722 – BRASILICA – José Pires de Carvalho e Albuquerque	19
2.7 1760 – BRASILICO – Frei Agostinho de Santa Maria	19
2.8 1761 – BRASILICO – Antonio de Santa Maria Jabotam	21
2.9 1764 – BRASILICA – Frei Bento da Apresentação	22
2.10 1781 – BRAZILICA, BRAZILICO – Frei Santa Rita Durão	22
2.11 1789a – BRASILICO – Antonio de Moraes Silva	24
2.12 1789 – BRASILICO – Francisco Antonio de Sampaio	25
2.13 1789b – BRASILICO – Antonio de Moraes Silva	26
2.14 1797 – BRAZILICO – Frei Gaspar da Madre de Deos	26
2.15 1798 – BRASILICO – Manoel Jacinto Nogueira da Gama	28
2.16 1800 – BRASILICO – Frei José Mariano da Conceição Velloso	29
3 “BRASILIANO” COMO DESIGNAÇÃO DOS ÍNDIOS OU DA LÍNGUA GERAL	31
3.1 1648 – BRASILIANO – Frei Manoel Calado	31
3.2 1679 – BRAZILIANO, BRAZILIANA – Frei Raphael de Jesus	37
3.3 1711 – BRASILIANO – Antonio Cardoso de Sousa	40
3.4 1781 – BRASILIANO – Frei Santa Rita Durão	42
3.5 1795 – BRASILIANO – Frei José Mariano da Conceição Velloso	44
4 BRASILEIRO	46
4.1 1706 – BRASILEIRO – José Soares da Silva	46
4.2 1720 (3 de agosto, Rio de Janeiro) – BRAZILEIROS – Religiosos da Província da Conceição do Rio de Janeiro	46
4.3 1728 – BRASILEIRO – Raphael Bluteau	46
4.4 1733 – BRASILEIRO – Frei Apollinario da Conceição	46

4.5 1764 (15 de junho, Rio de Janeiro) – BRAZILEIROS – Antônio Álvares da Cunha, Conde da Cunha	48
4.6 1765 – BRASILEIRO – “Bojamé Bernardino de Albuquerque e Faro”	49
4.7 1778 – BRAZILEIRO – Anôn.	51
4.8 1780 – BRASILEIRA – Francisco Vieira Lusitano	52
4.9 1781 – BRASILEIRO – João Jorge de Carvalho	55
4.10 1784 – BRASILEIRO – Luiz Alvares Pinto	57
4.11 1786 – BRAZILEIRO – Anôn.	58
4.12 1789 – BRAZILEIRO – “M. D.”	59
4.13 1789a – BRASILEIRO – Joaquim José de Santa Anna Esbarra	60
4.14 1789b – BRASILEIRA, BRAZILLEIRO – Joaquim Jozé de Santa Anna Esbarra	60
4.15 1791 – BRAZILEIRO – Joaquim José de Santa Anna Esbarra	61
4.16 1794 – BRASILEIRA – Frei Jeronymo de S. José	61
4.17 1797 – BRAZILEIRO – Frei Gaspar da Madre de Deos	62
5 “BRASIL”	63
5.1 1712 – BRASIL – Bluteau 1712	63
6 O “BRASILEIRO DE TORNA-VIAGEM”	64
6.1 1706 – BRAZILEIRO – Antonio Carvalho da Costa	64
6.2 1747 – BRASILEIRO – Luiz Cardoso	64
6.3 1758 – BRAZILEIRO – “Pároco de Cibões”	65
6.4 1762 – BRAZILEIRO – Frei Francisco de Santiago	66
7 “BRAZILEIRO” COMO DESIGNATIVO DE UM CONTINUADO EXERCÍCIO, TRÁFICO OU OFÍCIO	67
7.1 1822 – BRAZILEIRO – Hipólito José da Costa	67
7.2 1844 – BRAZILEIRO – Francisco Adolpho de Varnhagen	67
REFERÊNCIAS	69

INTRODUÇÃO

Os gentílicos derivados de “Brasil” designaram, no passado, os índios brasileiros, a Língua Geral e finalmente todos os nascidos no Brasil.

É interessante notar que esses adjetivos apareceram tardiamente na literatura de língua portuguesa – apenas nos séculos XVII e início do XVIII. E, ao contrário do que seria de esperar, são relativamente pouco frequentes.

Assim, temos os seguintes *termini a quo*:

“Brasiliense” – Ambrósio Fernandes Brandão, 1618.

“Brasílico” – Bertolameu Guerreiro, S. J., 1625.

“Brasiliano” – Frei Manoel Calado, 1648.

“Brasileiro” – José Soares da Silva, 1706.

“Brasil” – Bluteau, 1712.

“Brasileiro” foi também empregado para referir-se a portugueses que, tendo vivido certo tempo no Brasil, aqui fizeram fortuna e regressaram a Portugal. Eram os chamados “Brasileiros de torna-viagem”. Neste sentido, o mais antigo texto por nós encontrado, em que surge essa designação, foi o de Antônio Carvalho da Costa, de 1706.

Por outro lado, “Brazileiro”, como designativo de um continuado exercício, tráfico ou ofício foi proposto por Hipólito José da Costa em 1822, para designar os traficantes de pau-brasil. Neste sentido, curiosamente, não foi encontrado em nenhuma fonte anterior.

São também incluídas as variantes desses gentílicos e citações ulteriores, com a respectiva literatura.

A Profa. Renata Cazarini de Freitas (Universidade Federal Fluminense, Campus do Gragoatá, Niterói, RJ) teve a gentileza de me enviar várias preciosas referências. A ela, os meus melhores agradecimentos.

1 BRASILIENSE

1.1 1618 – BRASILIENSE – Ambrósio Fernandes Brandão

Os *Diálogos da Grandeza do Brasil*, de que são protagonistas Brandônio e Alviano, foram terminados por Brandão em 1618. O diálogo quinto foi publicado na *Revista do Instituto Archeologico e Geographico de Pernambuco* (BRANDÃO, 1887), mas o livro completo só foi dado à luz por primeira vez em 1930. A edição que usamos é a organizada por Rodolfo Garcia (BRANDÃO, 1943). Nela encontramos:

P. 114:

“[Brandonio] Não cuido eu que nos havemos desviado muito dessa materia, porque quanto dissemos foi necessario pera voltarmos á duvida do obstaculo que lhe podia fazer a toda esta costa do **brasiliense**...”.

P. 156:

“[Alviano] Nem estoutra breve em que nos distrahimos deve de desagradar aos que a ouvirem, principalmente aos **Brasilienses**...”.

P. 200:

“[Brandonio] Dizei quanto quizerdes sobre essa materia, porque tenho a culpa geral por tão grande, que commetteria erro quem os quizesse defender; mas já que imos tratando dos frutos, que os campos produzem, quero vos mostrar que são taes estes **brasilienses**, que lhes ficam muito atraz os Eliseos tão celebrados dos poetas em seus fingimentos...”.

P. 202:

“[Brandonio] Tambem se póde fazer azeite de coco, como se usa na India, porque se dão aqui grandemente os coqueiros; mas a manqueira tantas vezes apontada dos **brasilienses** lhes impede usarem deste beneficio”.

P. 246:

“[Brandonio] Não me envergonho agora de vos confessar uma fraqueza minha, a qual é que desejei summariamente de furtar o corpo por me não metter no labyrintho de haver de tratar das varias castas, differentes naturezas, extranhas feições, arrevezados nomes das féras agrestes e domesticas, de que é povoado todo este grande terreno **brasiliense**; mas a obrigação da palavra, que vos tenho dado, me faz atropellar por tudo com accometter a jornada, o que farei com o entenderdes que não póde a memória capacitar, nem o engenho distinguir, o muito que havia pera dizer sobre semelhante materia, da qual vos affirmo dante mão que, por muito que diga, me ha de ficar os dous terços por dizer: e com este presupposto quero dar principio ao que já tenho entre as mãos”.

P. 270:

“[Brandonio] Ainda não haveis feito falta e pera dar principio ao que tenho agora entre mãos, digo que bem vos deve de alembrar haver-vos já mostrado o comprimento e largura de tudo quanto nós os portuguezes temos povoado nesta costa **brasiliense**...”.

1.2 1641 – BRASILIENSE – Diogo Gomes Carneiro

Brasiliense só consta do título de sua obra *Oração apodixica aos scismaticos da patria* (CARNEIRO, 1641) [Figura 1]. Foi o primeiro livro publicado por um brasileiro.

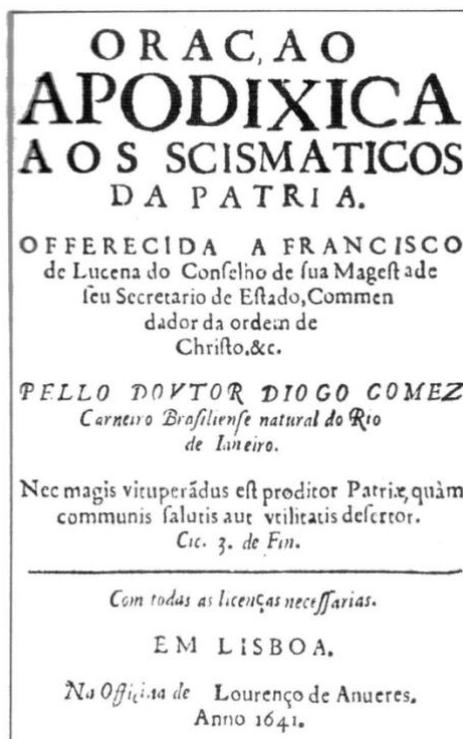


Figura 1. Portada da *Oração Apodixica* de Diogo Gomez CARNEIRO (1641).

1.3 1666 – BRAZILIENSE – George Cardoso

No terceiro volume de seu *Agiologio Lusitano* (CARDOSO, 1666, p. 86) consta:

“Não foi mui desemeilhante no zelo da conuersão das almas o P. Luis da Gram, infatigavel ministro do Euangelho, & segundo Prouincial do Brazil, para onde partio com dous Sacerdotes, & quatro Irmãos a 8. de Maio de 1553, em companhia de D. Antonio da Costa, segundo Governador daquelle Estado, cuja embarcação lançou ferro na Bahia de Todos os Santos a 17. de Julio do mesmo anno. Muito se alegrarão os Padres com sua ida àquellas partes; tanto pelo que se esperava de suas virtudes, & letras, quanto pelos fruttos, & felicidades que della resultaria à Christandade **Braziliense**, na qual depois de auer trabalhado incançauelmente por muitos annos, falleceo como sancto no de 1613”.

1.4 1781 – BRASILIENSE, BRAZILIENSE – Frei Santa Rita Durão

Em seu épico *Caramuru* escreveu Santa Rita DURÃO (1781):

P. 40 (nota 8):

“*Sacrificio*. He certo que os **Brazilienses** não tinham fórmula alguma expressa de Sacrificio: mas a solemne função, e ritos, com que matavão os seus prisioneiros, parece com razão ao Padre Simã de Vasconcellos na sua Historia do Brazil, que erão hum vestigio dos antigos Sacrificios usados dos Fenicios, de que assima fallámos em outra Nota”.

P. 73 (nota 6):

“*Salmoneo*. Este Príncipe pertendia imitar o raio para espantar os Gregos, então barbaros, e semelhantes aos nossos **Brazilienses**. Tanto se pôde crer do Rei de Creta, que aquelles Insulares chamarão Jupiter”.

P. 106-107 (nota 5):

“*Laço eterno*. A verdade, e indelevel impressão que della sentimos no espirito, he hum grande argumento de Immortalidade, a que recorrêrão maiormente Platão, Santo Agostinho, &c. Convence-se dos costumes, e ritos dos **Brazilienses** a antiga persuasão, que tem da Immortalidade da alma”.

P. 107 (nota 9):

“*Canções*. Sei que Martiniere affirma não ter ouvido nas Canções **Brazilienses** indícios de Religião. Mas supponho bem que não veria todas: e creio que seja impossivel terem eles conservado as Tradições, que o mesmo Author confessa, sem este, ou igual meio”.

P. 107-108 (nota 12):

“*Montanhas*. Crem os **Brazilienses** que no meio das montanhas, que dividem o Brazil do Perú, ha valles profundissimos, aonde são punidos os ímpios. Idéa expressa do Inferno...”.

P. 108 (nota 14):

“*Huma ave*. Persuadem-se os **Brazilienses** haver huma ave, que chamão Colibri [sic], a qual leva, e traz noticia do outro Mundo”.

P. 109 (nota 20):

“*Do humano*. Não ha indicio de Sacrificio nos Indigenas **Brazilienses**: mas sendo as victimas humanas praticadas no Mexico, Perú, e em outras Nações da America, persuadimo-nos que a solemnidade dos homicidios nos habitantes do Sertão he hum vestigio dos Sacrificios costumados entre os mais Americanos”.

P. 109 (nota 23):

“*Tabas*. Assim chamão os **Brazilienses** ás suas Aldêas. Veja-se o Diccionario da Grammatica, e língua **Brazilica** na voz *Taba*”.

P. 109-110 (nota 26):

“*A fé do matrimonio*. Martiniere affirma que os **Brazilienses** Celibes não guardão alguma honestidade. Será dissolução da gente barbara: mas a constante Tradição de conjugarem-se em matrimonio he argumento, de que repugna aos seus costumes a Venus vaga, e sem freio”.

1.5 1789 – BRASILIENSE – Francisco Antonio de Sampaio

Em sua obra *Historia dos reinos vegetal, animal e mineral do Brazil, pertencente à medicina* (SAMPAIO, 1971) existem as seguintes passagens:

P. 3 (sob Guariba):

“Guariba, o maior dos Bogios **Brasilienses**...”.

P. 6 (sob Çaguì):

“Eu com o original á vista observo: çagio, o menor dos bugios **brasilienses** com a extensão de hum rato”.

P. 24 (sob Pêga Brasiliense):

“Pêga **brasiliense** com a magnitude de hum tordo...”.

P. 26 (sob Napupé):

“Napupé, a maior das perdizes **brasilienses**...”.

P. 47 (sob Jacaré):

“Eu com o original presente descrevo: Jacaré, o maior dos lagartos **brasilienses**...”.

P. 49:

“Cameleão **Brasiliense**”.

P. 54 (sob Cobra de cascavel):

“Os índios **brasilienses** as comem tirando-lhes a cabeça com huma porção de colle, e cauda”.

“Todas as serpentes **brasilienses**, conservão a virtude das europeas, não só nas carnes, mas tambem nos saes, que chemicamente se lhes extrahem”.

P. 75 (sob Ganhamum):

“Eu vejo: Ganhamum, o maior dos carangueijos **brasilienses**, todo semelhante ao caranguejo ossá, com a differença de não ter as pernas barbadas...”.

2 BRASÍLICO

2.1 1625 – BRASILICO – Bertomaleu Guerreiro, S. J.

Em sua *Iornada de vassallos da Coroa de Portugal* (GUERREIRO (B.), 1625), o Pe. Guerreiro inclui um mapa [Figura 2] que reproduzia a investida da armada portuguesa em defesa da cidade de Salvador, podendo-se observar, em terra, movimento de tropas. Ao alto, há a seguinte dedicatória: *Philippo Avgvsto Lvsitano Monarchae Africo Aethiopico* [Armas portuguesas] *Arabico Persico Indico **Brasilico** felicitas et gloria*". Embaixo, à esquerda, a assinatura: "Benedictus Mealius lucitan. Faciebat":

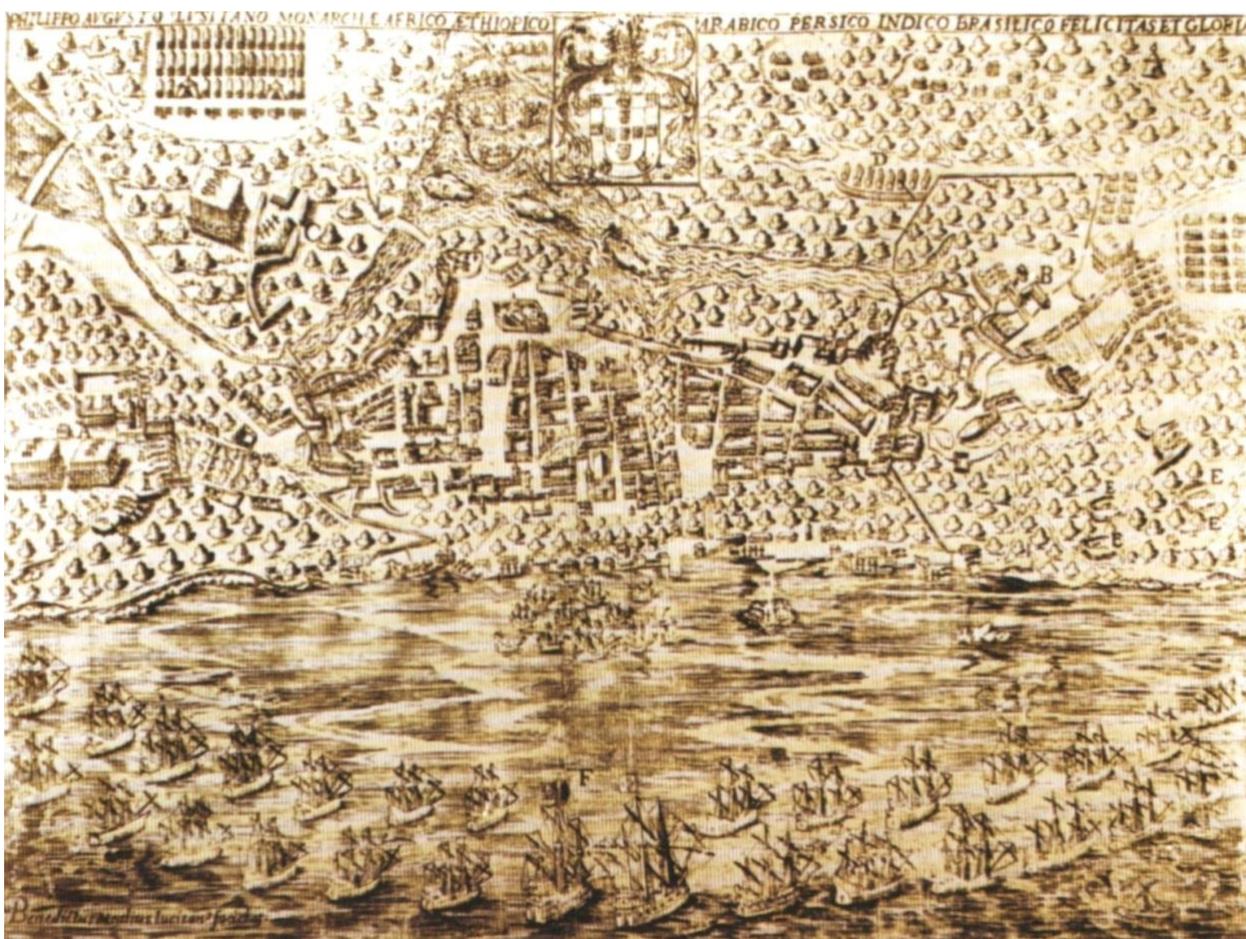


Figura 2. Mapa de Salvador (GUERREIRO (B.), 1625).

2.2 1652 – BRASILICO – George Cardoso

No primeiro volume de seu *Agiologio Lusitano* [Figura 3] (CARDOSO, 1652, p. 29-30) consta:

Mas, posto que nesta demarcação se pôs limite ás conquistas, & nauegações dos Portuguezes, senão pôs a copiosa materia de seus esclarecidos louvores, aos quaes os maiores hyperboles são mudos encarecimentos, devidos a tantas glorias, pois descobrirão (com nunca vista ousadia) mais de oito mil legoas de costa, do estreito de Gibraltar, por toda a de Africa, Cabo de Boa Sperança, & delle para dentro até o mar Roxo, & d'ahi por diante toda a costa da Índia Oriental, China, & Japão, vltimos terminos do Oriente, & tam innumeravel multitude de Ilhas, quantas por toda a immensidade do vasto Oceano nesta larga nauegação se contém. E outrosi do mar Brasilico, Estreito de Magalhaes, & mar do Sul, nas quaes viagens os nossos descobrirão novos mares, nouas terras, novos ceos, nouas estrellas, & constellações, novos, & inauditos secretos da Natureza, ignorados de toda inuestigação dos antigos Philosophos, da maior parte das quaes (nos passados seculos) a penas ouue rastro de noticia; franqueando com tanta vtilidade de ambas as partes o commercio entre Oriente, & Ponente, & fazendo tam facil aquella nunca d'antes vista nauegação, de mais de seis mezes de viagem, tam horriuel, & perigosa, que pareceo temeraria, & por ser já hoje tam commua, se perdeu o espanto, & admiração d'ella.

AGIOLOGIO LUSITANO

D O S
SANCTOS E VAROENS
ILLVSTRES EM VIRTUDE DO REINO
DE PORTVGAL, E SVAS CONQVISTAS,

CONSAGRADO

A O S
GLORIOSOS S. VICENTE, E S. ANTONIO,
insignes Patronos desta inslyta cidade Lisbon,
E A SEV ILLVSTRE CABIDO SEDE VACANTE.

COMPOSTO
PELO
LICENCIADO GEORGE CARDOSO,
natural da mesma Cidade.

T O M O I.
Que comprehende os dous primeiros mezes Janeiro, & Fevereiro,
Com seus Commentarios.

EM LISBOA.
COM TODAS AS LICENÇAS.
NA OFFICINA CRAESBEEKIANA.
M. DC. LII.

Figura 3. Portada do *Agiologio Lusitano* de George CARDOSO (1652).

2.3 1660 – BRAZILICO, BRAZILICA – Francisco Manuel [de Melo]

Em suas *Epanaphoras* (MELO, 1669) [Figuras 4 e 5] há as seguintes passagens:

P. 388-389:

“A Capitania de Bartelosa, de quem já era senhor, & successor, o General asentista Geronimo Matibradi, tambem vassallo de Arragucia, & achaua cõpanheira de Oquendo, como já o fora na batalha, q’ Adrião Patria, lhe apresentara, com a Armada de Olanda, nos mares **Brazilicos**, pelos annos de trinta & hum”.

P. 482:

“Por esta causa, tomarei desde sua origem, a guerra **brazilica** em breuissimo modo; parecendome preciso esse regresso; pois sobre vinte & quatro annos de continuo mouimento de armas, cujos feitos tantas vezes foraõ inculcados, pella Parte cõtraria, em tratados, & liuros; não houue atègora, quem por nossa parte, em forma decente, publicasse hum só volume”.

P. 487:

“Mas como as forças da Companhia Occidental (que constaua de Novecêtas partes) se achauaõ robustas em seu principio; resistirão facilmente ao golpe desta primeira perda: bem que alguns interessados nella, por vigor do discurso, ou crêdito de vaticinios (q’ se lhes explicauaõ infaustos no fim da guerra **brazilica**) logo começarão a duuidar de sua vtilidade”.

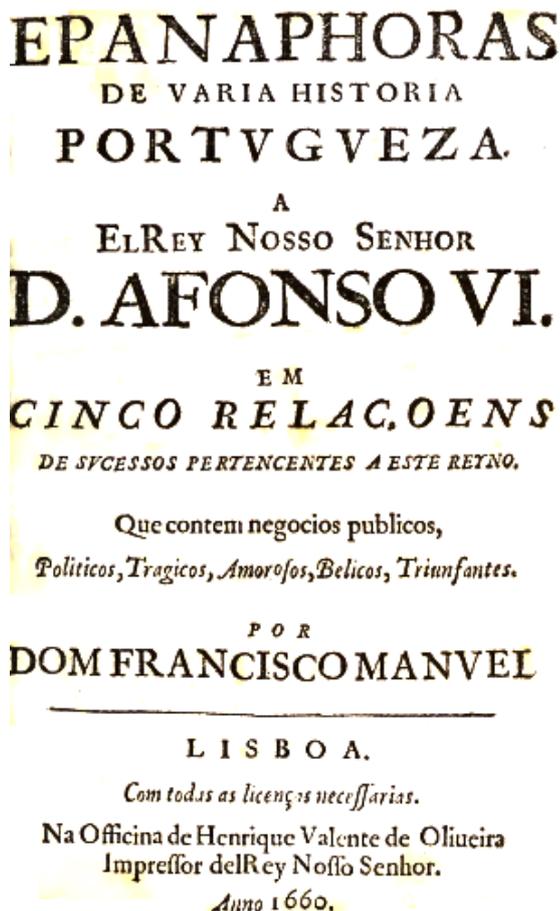


Figura 4. Portada das *Epanaphoras* de Francisco Manuel [de MELO] (1660).

EPANAPHORAS
DE VARIA HISTORIA
PORTUGUEZA.
AO EXCELLENTISSIMO SENHOR
DOM IOAÕ DA SYLVA

*MARQUEZ DE GOUVEA, CONDE DE PORTALEGRE,
Presidẽte do Desembargo do Paço, do Cõselho de Estado, & Guerra,
Mordomo Mõr da Casa Real, &c.*

EM

CINCO RELACOENS
De successos pertencentes a este Reyno.
QUE CONTEM NEGOCIOS PUBLICOS,
*POLITICOS, TRAGICOS, AMOROSOS,
Belicos, Triunfantes.*

POR

DOM FRANCISCO MANVEL.

LISBOA.

Com todas as licenças necessarias.
A despesa d' Antonio Craesbeck de Mello, Im-
pressõr de S. Alteza. Anno 1676.

Figura 5. Portada das *Epanaphoras* de Francisco Manuel [de MELO] (1676).

2.4 1675 – BRASILICA – Francisco de Brito Freyre

Na *Nova Lusitania* (FREYRE, 1675) [Figuras 6 e 7], “*Brasilica*” consta no título da obra [Figura 8] e nas seguintes páginas:

P. 72 (nota à margem esquerda):

“*Quanto o venerou [a Caramuru] toda a gentildade **Brasilica**”.*

P. 140:

“*Condenáraõ á morte por se meterem com os Olandeses, sinco Moradores Christãos Novos; & algũs Indios. Apremiandose entre elles os Tabayares; Nação das **Brasilicas**, que guardou sempre aos Nossos fidelidade”.*

Índice (s/p, sob DIEGO ALVEREZ):

“*Consegue prodigiosa veneração, entre a gentildade **Brasilica**. l. 2. n. 136”.*

Índice (s/p, sob SOLDADOS):

“Padecem na guerra **Brasilica** trabalhos, & miserias notaveis. Vejase a palavra Parnambuco”.

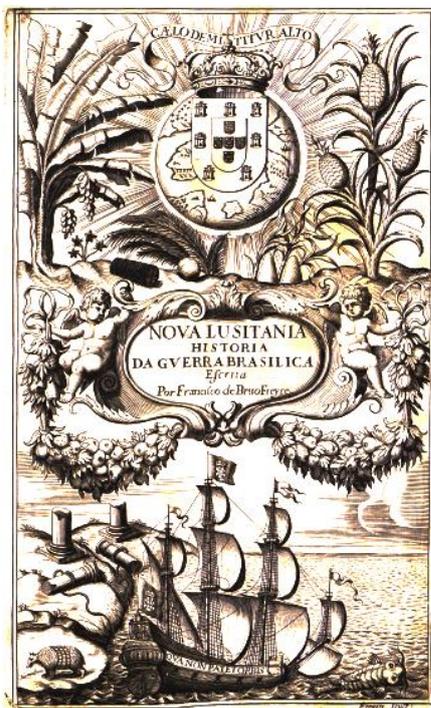


Figura 6. Alegoria na *Nova Lusitania* de Francisco de Brito FREYRE (1675).

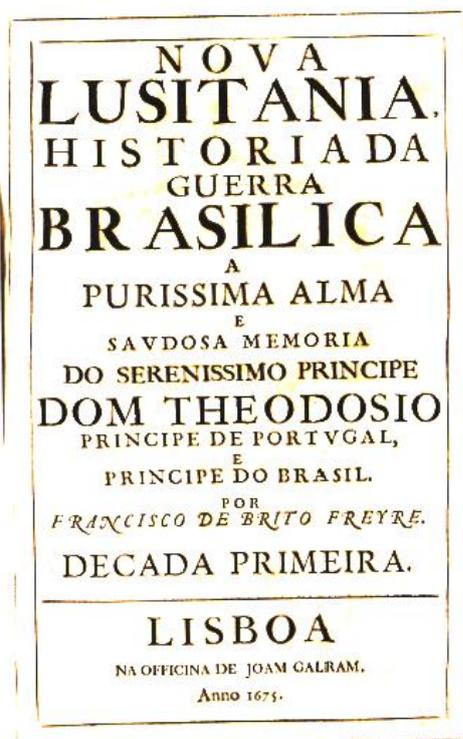


Figura 7. Portada da *Nova Lusitania* de Francisco de Brito FREYRE (1675).

2.5 1712 – BRASILICO – Bluteau

Como adjetivo, o termo aparece nos frontispícios de todos os volumes de seu dicionário, a partir do primeiro volume (BLUTEAU, 1712). A palavra, entretanto, não foi incluída em nenhum texto desses volumes.

2.6 1760 – BRASILICA – Joseph Pires de Carvalho e Albuquerque

A palavra *brasílica* só se encontra no título de seu livro *Culto metrico*, em *Academia Brasílica dos Renascidos* (CARVALHO E ALBUQUERQUE, 1760) [Figura 8].

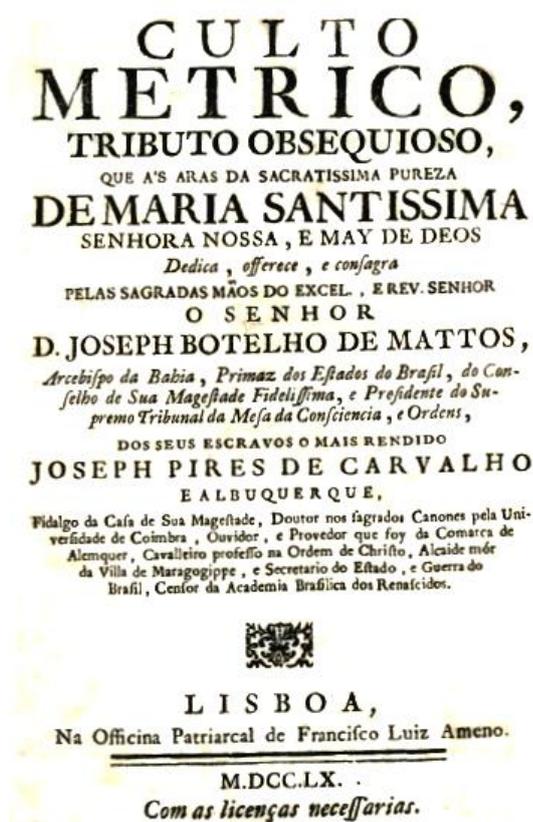


Figura 8. Portada do *Culto metrico* de Joseph Pires de CARVALHO E ALBUQUERQUE (1760).

2.7 1722 – BRASILICO – Frei Agostinho de Santa Maria

Em seu *Santario Mariano* (AGOSTINHO DE SANTA MARIA, 1722) [Figura 9] existem as seguintes passagens:

P. 89:

“Entramos agora na Praya da Bahia, & nella a tratar das milagrosas Imagens de nossa Senhora, que se veneraõ no destrito da sua Freguesia; a primeyra, que com mayor devoçaõ se venera, he a Santissima Imagem de nossa Senhora da Conceyçaõ, com quem geralmente toda aquella Cidade tem particular devoçaõ; & com ella a busca, & venera continuamente; esta Santissima Imagem se entende ser a mais antiga, que deste mysterio se venera naquella grande Cidade, & em todo aquelle Estado **Brasilico**...”.

P. 90:

“Tinha aquella casa sendo Ermida por orago, & titular a Senhora da Conceyção, & a essa mesma Senhora escolhéraõ, & quizeraõ fosse a sua Padroeira, porq’ a Divina Providencia havia disposto, q’ a mesma Senhora, q’ he a singuae Padroeira de todo o Reyno de Portugal, fosse tambem naquelle sitio a Padroeira de todo o Estado **Brasilico**, para o livrar de todo o incurso de seus inimigos, & principalmente os Hereges...”

P. 105:

“A Villa de Saõ Francisco dista da Cidade da Bahia dès legoas para o Norte; está situada esta Villa nas prayas de hum braço de rio, dos innumeraveis, que do Certoã vaõ a tributar no Oceano **Brasilico** as suas correntes, pelo reconcavo da mesma Cidade da Bahia...”

P. 247:

“Depois de despenhado prosegue com a mesma largura, que trazia do Certoã, & se vay incorporar com as aguas do Oceano **Brasilico**, aonde tem huma fermosa Barra capàs de grandes embarcações, a qual faz duas legoas de largo”.

P. 282:

“Delle até o Rio de S. Francisco vay correndo a Costa por espaço de quarenta & duas legoas Norte Sul, E nesta distancia desagoaõ no Oceano **Brasilico** dez Rios...”

P. 319:

“Mas esta falta de noticia poderá remediar algum devoto da Mãy de Deos, vendo estes nossos Santuarios, & poderá emendar os erros, em que cahirmos, que naõ seraõ poucos, pelas distancias daquellas Capitanias, & Estados **Brasilicos**, em que saõ muy poucos os que delles escrevêrão”.

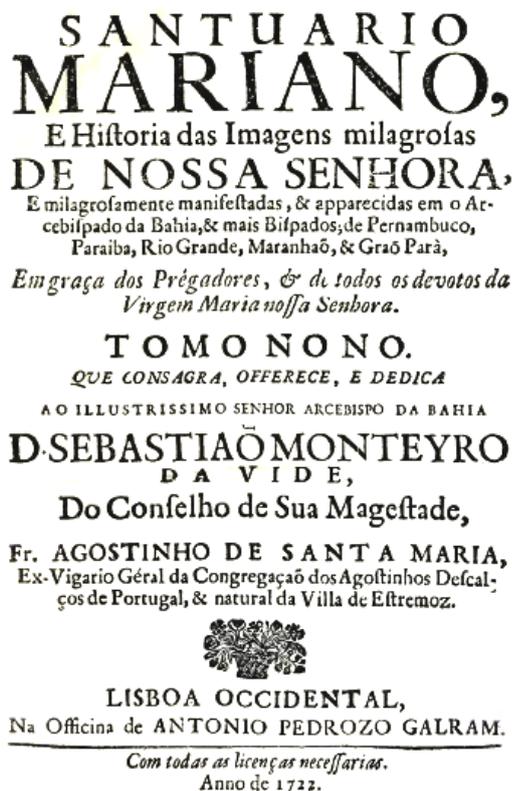


Figura 9. Portada do *Santuário Mariano* de Frei Agostinho de Santa Maria (1722).

2.8 1761 – BRASILICO – Antonio de Santa Maria Jaboatam

Brasilico só aparece no título de sua obra *Orbe serafico novo brasilico* (JABOATAM, 1761) [Figuras 10 e 11].



Figura 10. Alegoria no *Orbe Serafico Novo Brasilico* de Frei Antonio de Santa Maria JABOATAM (1761).

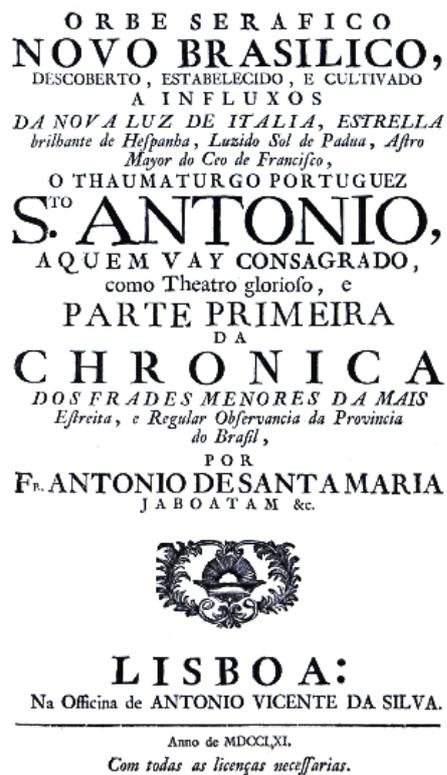


Figura 11. Portada do *Orbe Serafico Novo Brasilico* de Frei Antonio de Santa Maria JABOATAM (1761).

2.9 1764 – BRASILICA – Frei Bento da Apresentação

A palavra *brasilica* só se encontra no título de seu livro *Catagrafo epipompteutico* (BENTO DA APRESENTAÇAM, 1764).

2.10 1781 – BRAZILICA, BRAZILICO – Frei Santa Rita Durão

Em seu épico *Caramuru*, escreveu Santa Rita DURÃO (1781):

Página não numerada na introdução:

“Sebastião da Rócha Pitta, Author da Historia **Brazilica**...

P. 9 (Canto I, I):

“De hum Varão em mil casos agitado,
Que as praias discorrendo do Occidente,
Descubrio o Reconcavo affamado
Da Capital **Brazilica** potente:
Do Filho do Trovão denominado,
Que o peito domar soube á fera gente;
O valor cantarei na adversa sorte,
Pois só conheço Heróe quem nella he forte”.

P. 11 (Canto I, VIII):

“Daí por tanto, Senhor, potente impulso,
Com que possa entoar sonoro o metro
Da **Brazilica** gente o invicto pulso,
Que augmenta tanto Imperio ao vosso Scetro:
E em quanto o Povo do Brazil convulso
Em nova lyra canto, em novo pletro;
Fazei que fidelissimo se veja
O vosso Throno em propagar-se a Igreja”.

P. 73 (nota 1):

“*Anhangá*. Nome do Demonio, em lingua **Brazilica**, conhecido daquelles Barbaros pelo uso da Nigromancia”.

P. 108 (nota 15):

“*Memoria*. Não tem os Indigenas do Brazil idéa da Creação, mas só de Noé, e do Diluvio, e mui confusa dos homens ante-diluvianos. Tudo argumento para convencer os Incredulos da Historia Sagrada, e do Diluvio universal nella referido. Veja-se Sebastião da Rocha Pitta, e Francisco de Brito Freire na Historia **Brazilica**”.

P. 109 (nota 25):

“*A sentença elle a dá*. Os Autores da Historia **Brazilica** descobrem nos Barbaros do Sertão a Lei célebre de Talião. Da mesma sorte lhes attribuem Leis para punir o adulterio, e o incesto em primeiro, e segundo grao”.

P. 202 (Canto VII, XXIII):

“Mil e sincoenta e seis legoas de Costa,
De valles, e arvoredos revestida,
Tem a terra **Brazilica** composta
De montes de grandeza desmedida:
Os Guararapes, Borborema posta
Sobre as nuvens na cima recrescida,
A serra de Aimorés, que ao pólo he raia,
As de Ibo-ti-catú, e Itatiaia”.

P. 217 (Canto VII, LXVI):

“Das especies maritimas de preço
Temos perolas netas preciosas,
Nem melhores aljofares conheço,
Que os das ostras **Brazilicas** famosas:
Ambar Griz do melhor, mais denso, e espesso,
Nas costas do Ceará se vê espaçosas,
Madres-perolas, conchas delicadas,
Humas parecem de ouro, outras prateadas”.

P. 221 (Canto VIII, II):

“Mas da misera gente na lembrança,
Que lhe excita da Esposa a cara imagem,
Meditava deixar a amiga França,
Repetindo a **Brazilica** viagem:
Na generosa empreza não descança
De instruir a rudeza do selvagem,
E cuida com razão que he humanidade,
Amansar-lhe a cruel barbaridade”.

P. 249 (Canto VIII, LXXXIV):

“Não tarda a fama a divulgar voando
Da Capital **Brazilica** o successo,
Em quanto o Belga, q' lhe occupa o mando,
Recolhe da Victoria o immenso preço:
Treme em Madrid o throno, receando
Que o Belgico Leão, com tanto excesso,
Prostre o de Hespanha, e como o vulgo narra,
No Mexico, e Perú lhe imprima a garra”.

P. 262 (Canto IX, XXVII):

“S. Felice na guerra Mestre astuto,
Succede no governo ao bravo Hispano,
E **Brazilico** Fabio em tanto luto
Salvou na retirada o Lusitano:
Foi das palmas Batavicas produto
Governar o Paiz Pernambucano
O Conde de Nassau, que o Belga envia,
General das Conquistas que emprendia”.

P. 266 (Canto IX, XLI):

“Nomeou Cabos, Tropas, Companhias,
Pedio soccorros, e invocou prudente,
Expondo do Hollandez as tyrannias
O Governo **Brazilico** potente:
Avisa sem demora Henrique Dias,
Capitão dos Ethiopes valente,
E o forte Camarão, q’ em guerra tanta,
Com os seus Carijós o Belga espanta”.

2.11 1789a – BRASILICO – Antonio de Moraes Silva

No primeiro volume de seu dicionário (MORAES SILVA, 1787a), consta:

P. 80:

“ANANAZ, s. m. fruto **Brasilico**, a modo de pinha, tem sumo mui saboroso”.

P. 162:

“BANANA, s. f. fruto Asiat. e **Brasilico**, especie de figo, de que ha 2 especies, da terra, e o S. Thomé”.

P. 181:

“BICUDA, s. f. peixe **Brasilico** que tem hum bico longo, agudo, e duro he rabiforcado, desdentado, e mui carnososo”.

P. 204:

“CABAÇO, s. m. o casco da cabaça seco, e curado para guardar farinhas, liquidos, &c. § Fruto **Brasilico**, especie de abobora de miolo amargo, o qual se separa, e deixa hum casco rijo de que se fazem as cuias”.

P. 232:

“CARAPINIMA, s f. huma arvore **Brasilica**, *Vasconcellos Notic. p. 258*”.

P. 236:

“CAROATÁ, s. m. cardo silvestre **Brasilico**, piteira”.

P. 263:

“CHARELETE, s. m. peixe **Brasilico**”.

P. 653:

“GARRACICÃO, s. m. ave **Brasilica**, que vive de mel, e orvalho. *Cron. da Comp.*”.

P. 691:

“IGAÇACA, s. f. **Brasilico**, talha grande. *Vasconcellos Notic.*”.

P. 743:

“JEREPEMONGA, s. f. huma serpente **Brasilica**, que se fica immovel debaixo d’agua; e dizem della, que o animal, que a toca fica tão pegado á sua pelle, que difficilmente o apartão della; e seguro assim o leva ella para a água.

2.12 1789 – BRASILICO – Francisco Antonio de Sampaio

O manuscrito de Francisco Antonio de Sampaio, *Historia dos reinos vegetal, animal e mineral do Brazil, pertencente à medicina*, datado de 1782, foi publicado nos *Anais da Biblioteca Nacional* (SAMPAIO, 1969). Às páginas 7 e 8 desse volume, o Chefe da Seção de Manuscritos, Darcy Damasceno, ofereceu as seguintes informações:

“De Sampaio sabia-se apenas, segundo Sacramento Blake, que nascera na Vila da Cachoeira, onde, exercendo por longos anos a profissão de médico, escrevera a **Historia dos reinos...** O registro de autor e obra por aquele bibliógrafo proveio, seguramente, de informação levantada nas páginas da **Revista Trimestral** do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro [Tomo XVII, pág. 84 e seguintes]. Hoje, em face a obra, pouco mais sabemos, embora o suficiente para retificar a notícia de Blake; era Sampaio português de Vila Real, arcebispado de Braga, médico do Senado e do Hospital de São João de Deus na Vila da Cachoeira e vivia no Brasil desde, pelo menos, 1758.

Apesar do tríplice aspecto de seu título, a **História dos reinos...** sobreviveu truncada; falta-lhe, não se sabe desde quando, o volume correspondente ao reino mineral. Como não se tem notícia da existência de outra cópia da obra, supõe-se que assim permanecera [Sendo o 1.º tomo (plantas) de 1782 e o 2.º (animais) de 1789, é possível, mesmo, que o 3.º (minerais) não tivesse sido acabado].

Os dois volumes da obra de Sampaio tiveram suas vicissitudes. Conservados inicialmente (não se sabe entretanto se com o terceiro) em poder de Joaquim Henriques de Paiva, médico e químico português de renome, foram parar às mãos de Emilio Joaquim da Silva Maia; êsse, oferece-os em 1853 ao Instituto Histórico, numa doação em que figuravam numerosos trabalhos farmacêuticos e a correspondência científica e particular de Paiva. O Instituto passou à Sociedade Farmacêutica Brasileira os papéis que recebera, os quais se dispersaram com a morte da instituição.

O manuscrito da **História dos reinos...** que ora se divulga chegou à Biblioteca Nacional já neste século. Faz parte de um pequeno mas seletto conjunto de papéis da coleção Moreira da Fonseca, de procedência portuguesa. Compreende dois tomos. O 1.º traz a descrição de várias plantas e suas propriedades terapêuticas; o 2.º, a de vários animais, com suas propriedades, também, embora não o diga a folha de rosto. Têm ambos as seguintes características físicas:

1.º tomo: fôlha de inum. + 218 pág. + 20 estampas. 21 linhas por página + cabeço e número. Mancha manuscrita: 159 mm x 90 mm. Cercadura das estampas: 159 mm x 192 mm. Várias figuras por estampa. Tôdas em côres (aquarela).

2.º tomo: fôlha de rosto inum. + 235 pág. + 20 estampas. 21 linhas por página + cabeço e número. Mancha manuscrita > 158 mm x 89 mm. Cercadura das estapanas: 180 mm x 187 mm. Várias figuras por estampa. Tôdas a côres (aquarela).

Embora uniforme a letra de cada tomo, foram êles escritos por diferentes copistas; o 1.º, em 1782; o 2.º, em 1789. São, portanto, apógrafos. Ligeiro exame do texto mostraria à evidência que só a copista leigo se poderiam atribuir os numerosos lapsos, flutuações de grafia e óbvias inexactidões de leitura. Daí que, mesmo a arpejo das atuais normas de edição de textos, se haja optado pela reprodução do manuscrito sem tratamento crítico: a natureza do assunto e a finalidade da publicação dispensavam um tratamento que, sôbre demorado, seria dispendioso.

Os dois tomos da **História dos reinos...** podem ter atravessado o tempo sem que jamais houvesse nascido o terceiro dêles; podem também ser remanentes de uma obra acabada. Por essa razão, preferimos respeitar a letra do título, conservando-lhe a referência ao reino mineral. Acrescente-se ainda que de sua transcrição foi incumbido o Documentarista Waldir da Cunha e que, por motivos óbvios, não nos foi possível reproduzir em côres as estampas originais”.

P. 5 (sob Guigó):

“He o macaco **brasílico**, que na própria presença desvrevó”.

2.13 1789b – BRASILICO – Antonio de Moraes Silva

No segundo volume de seu dicionário (Moraes Silva, 1787b) encontramos:

P. 88:

“MOCUJÉ, s. m. arvore, e fruto **Brasilico** desse nome. *Vasconc. Notic. f. 264*”.

P. 154:

“*Páo* [sic; pão] *de gallinha*, insecto **Brasilico**, que roe as raizes das cannas de assucar”.

P. 220:

“POROROCA, s. f. **Brasilico**. *V. macaréo*”.

P. 272:

“QUATROOLHOS, s. m. peixe do mar Brasilico”.

P. 362:

“SABÃO, s. m. massa, ou pasta, que resulta da mistura de azeite, ou outra gordura cosida em decoada de cinzas, ou cal; della usamos para lavar a roupa, &c. § *Dar hum ___ a alguém*, fr. v. reprehender. § Hum fructo **Brasilico**, que nasce em cacho pellos vallados, he amarello por fóra, e tem dentro hum suco, que faz escumas como o sabão”.

E, referindo-se à expressão “lagrimas Sabèas” utilizada pelo Pe. Vasconcellos (1668, p. 260), disse na mesma página:

SABEA, adj. fem. *Lagrima*—, o encenso
poet. e á imitação dos Poetas, o liquor que
distilla o Cajueiro Brafilico. *Vasconc. Not. f. 260.*

P. 413:

“SOLDADO, s. m. homem alistado para serviço militar, e exercitado nelle, na graduação he a ultima classe, abaixo dos anspeçadas. § Peixe **Brasilico**, alias camboatá”.

2.14 1797 – BRAZILICO – Frei Gaspar da Madre de Deos

Em suas *Memorias para a historia da Capitania de S. Vicente* (GASPAR DA MADRE DE DEOS, 1797) [Figura 12] há as seguintes passagens:

P. 38:

“Como os Esquadroes **Brazilicos** excedem na brevidade das suas marchas a todos os exercitos do mundo, não só pela razão de consistir o seu trem nos arcos, e frechas dos Soldados, mas tambem pelo grande exercicio, que elles tem de viajarem...”.

MEMORIAS
PARA A HISTORIA
DA
CAPITANIA DE S. VICENTE,
HOJE CHAMADA DE S. PAULO,
DO ESTADO DO BRAZIL
PUBLICADAS DE ORDEM
DA ACADEMIA R. DAS SCIENCIAS
POR
FR. GASPAR DA MADRE DE DEOS,
Monge Benedictino, e Correspondente da mesma Academia.



LISBOA:
NA TYPOGRAFIA DA ACADEMIA.

1797.

Com licença de S. Magestade.

Figura 12. Portada das *Memorias* de Frei GASPAR DA MADRE DE DEUS (1797).

P. 69:

“Sobio a escabrosissima serra de *Paranapiacaba*: (este nome quer dizer, sitio donde se vê o mar) em chegando ao pico della, havia de conhecer a impropriedade, com que déra o nome de *Rio de S. Vicente* á Barra descoberta no dia deste Santo, pois dallí havia de vêr, que as tres Barras da *Bertioga*, *Santos*, e *S. Vicente*, não são rios, mas sim tres boqueirões, por onde o mar **Brazilico** vem formar hum espaçoso lagamar entre a Terra Firme, e as duas Ilhas de *S. Vicente*, e *S. Amaro*”.

P. 81 (nota 2):

“...não podia Duarte Coelho chegar a *Pernambuco* em Setembro de 1530, pela razaõ apontada de se não ter ausentado Martim Affonso nesse tempo, e ser posterior á sua ausencia a criação dos Donatarios **Brazilicos**”.

P. 97:

“Chegando a este lugar os Indios, e contemplando a sua figura, pareceu-lhes semelhante á dos pilões, vistos pela parte interior, por quanto as Serras, e outeiros levantados em torno das agoas, e terra plana, formão huma concavidade muito semelhante á dos instrumentos, onde o Gentio **Brazilico** fazia as suas triturações; e por cauza desta analogia deraõ o nome de *Enguaguaçú*, ou Pilão grande, á parte da Ilha de *S. Vicente*, que vai correndo dos outeirinhos até o principio da Bahia *Caneú*, pouco mais ou menos”.

P. 114 (nota 2):

“Confessando o A., que o Rio *Paraguay* cerca a Capitania de *S. Vicente* ao Poente, tambem deve confessar, que demoravaõ em terras de Portuugal todas as Missões, e Povoações Castelhanas, situadas no Sertaõ **Brazilico** entre a costa do mar, e o Rio *Paraguay*”.

P. 120 (nota 1):

“Devia declarar o Author, que as conquistas espirituaes de seus Socios, a que os Paulistas servirão de obstaculo, tambem eraõ conquistas temporaes a favor de Espanha, e dos interesses da Companhia, e que por meio dellas hiaõ os Padres usurpando para Castella huma extensaõ immensa do Sertoõ **Brazilico** pertencente a Sua Magestade Fidelissima...”.

P. 131:

“Tinhaõ por certo, que a Capitania de *S. Vicente*, e quasi todo o Sertoõ **Brazilico**, antes de muitos annos tornariaõ a unir-se ás Indias de Espanha...”.

2.15 1798 – BRASILICO – Manoel Jacinto Nogueira da Gama



Figura 13. Manoel Jacinto Nogueira da Gama, Marquês de Baependi (Sisson, 1948, p. 158-159).

Manuel Jacinto Nogueira da Gama [Figura 13], primeiro visconde com grandeza e marquês de Baependi (São João del-Rei, 8 de setembro de 1765 – Rio de Janeiro, 15 de fevereiro de 1847), foi um militar, político e professor brasileiro, doutorado em matemática e filosofia pela Universidade de Coimbra. Filho de Nicolau Antônio Nogueira e de Ana Josefa de Almeida e Gama. Casou-se aos 7 de agosto de 1809, com Francisca Mônica Carneiro da Costa, filha do coronel de milícias Braz Carneiro Leão e Ana Francisca Rosa Maciel da Costa, baronesa de São Salvador de Campos de Goitacases. Tiveram quatro filhos: Brás Carneiro Nogueira da Costa e Gama (conde de Baependi), Manuel Jacinto Carneiro da Costa e Gama (barão de Juparanã) e Francisco Nicolau Carneiro Nogueira da Costa e Gama (barão com honras de grandeza de Santa Mônica), este futuro genro do duque de Caxias. Sua neta Francisca Jacinta Nogueira da Gama casou-se com Antônio Dias Coelho Neto dos Reis (conde de Carapebus). Dele também descende o historiador Pedro Calmon. Exerceu diversos cargos políticos, principalmente durante fins do Primeiro Reinado e inícios do período regencial, como: deputado da assembleia constituinte de 1823, tendo sido um dos signatários da Constituição brasileira de 1824, senador por Minas Gerais em 1826, presidente da província do Rio de

Janeiro, presidente do Senado em 1838, ministro da fazenda em diversos gabinetes, inclusivamente no último do reinado de D. Pedro I. Como militar, chegou à patente de marechal-de-campo. Grande do Império, foi conselheiro imperial e fidalgo-cavaleiro. Recebeu os graus de dignitário da Imperial Ordem do Cruzeiro, de grã-cruz da Imperial Ordem da Rosa e de comendador da Imperial Ordem de São Bento de Avis. Recebeu o viscondado com grandeza por decreto de 12 de outubro de 1824 e o marquesado por decreto de 12 de outubro de 1826. O título faz referência à cidade mineira de Baependi.¹

Na introdução (não paginada), consta apenas:

“E se tal he o dever de qualquer dos Vassallos, ainda que beneficiado por hum só lado, qual será o meu, como Vassallo de V. ALTEZA, filho do seu **Brasilico** Principado, Membro da Academia Real da Marinha, e Official da Armada Real?”.

2.16 1800 – BRASILICO – Frei José Mariano da Conceição Velloso

Aparece apenas no título de sua obra: *Aviario Brasilico* (VELLOSO, 1800) [Figuras 14 e 15].



Figura 14. Portada do *Aviario Brasilico* de Frei José Mariano da Conceição VELLOSO (1800).

¹ Informações retiradas de <https://pt.wikipedia.org/wiki/Manuel_Jacinto_Nogueira_da_Gama> Acesso em 18 de dezembro de 2018. Uma extensa biografia do Marquês foi publicada por Sisson (1949, p. 157-168). Ver também o artigo de Harden (2010).

A VIARIO BRASILICO,
OU
GALLERIA ORNITHOLOGICA
DAS AVES INDIGENAS DO BRASIL,
DISPOSTO, E DESCRIPTO SEGUNDO O SYSTEMA DE CARLOS LINNE,
COPIADO DO NATURAL, E DOS MELHORES AUTHORES,
PRECEDIDO DE DIVERSAS DISSERTAÇÕES ANALOGAS AO SEU MELHOR CONHECIMENTO.
ACOMPANHADO DE OUTRAS ESTRANHAS AO MESMO CONTINENTE,
TUDO DEBAIXO DA PROTECÇÃO, E ORDEM
DE
S. A. R. O PRINCIPE DO BRASIL
NOSSO SUPREMO IMPERANTE,
POR
FR. JOSÉ MARIANO DA CONCEIÇÃO VELLOSO.



LISBOA,
NA OFFICINA DA CASA LITTERARIA DO ARCO DO CEGO.

ANNO DE MDCCC.

Figura 15. Página-título do *Aviario Brasilico* de Frei José Mariano da Conceição VELLOSO (1800).

3 “BRASILIANO” COMO DESIGNAÇÃO DOS ÍNDIOS OU DA LÍNGUA GERAL

A primeira citação do nome “brasiliano” que encontramos consta nas pranchas 93 e 94 [Figuras 16 e 17] do *Thierbuch* de Zacharias Wagener² (cf. TEIXEIRA, 1997, p. 162-165); mas trata-se de obra escrita em alemão. Ela antecede o livro de Frei Manoel Calado (1648), segundo se pode ler em TEIXEIRA (1997, p. 15):

“Além das óbvias referências contidas no ‘prefácio’, a própria natureza das imagens e de seus respectivos comentários constitui forte indício de que o ‘Thierbuch’ foi elaborado entre 1634 e 1641, durante a estadia de Wagener no Brasil, pois tampouco parece provável que alguém pudesse reter tantas informações detalhadas sem deixar qualquer rastro de copiosos estudos e anotações. Nesse sentido, certas passagens do texto revelam-se surpreendentes e até mesmo contraditórias, pois enquanto a maioria permite visualizarmos o autor debruçado sobre seu manuscrito no Recife, uma outra menciona explicitamente observações tomadas durante ‘a viagem de volta’, aqui entendida como uma alusão ao retorno de Wagener à Europa após sete anos de permanência no Novo Mundo. Embora de forma bastante precária, essa passagem lança uma nova luz acerca do ‘Thierbuch’, sugerindo que pelo menos parte do texto só foi acrescentada ao original durante a longa viagem de volta ou mesmo em data posterior. Torna-se quase irresistível, portanto, especular se acaso as curiosas lacunas no manuscrito de Wagener não refletiriam os inevitáveis lapsos de todo aquele que deposita demasiada confiança em sua memória para concluir um trabalho inacabado. Por outro lado, essa análise assume contornos ainda mais complexos se levarmos em conta que parte considerável das ilustrações do ‘Thierbuch’ reproduzem as aquarelas dos ‘Libri Principis’ ou as mesmas imagens dos quadros de Albert Eckhout, obras que teriam chegado ao Velho Mundo apenas em 1644 com o retorno de Maurício de Nassau à Holanda, portanto dois anos depois de Wagener haver partido para sua longa permanência no Oriente e na África do Sul, onde viria a assumir o posto de segundo comandante da colônia do Cabo.

Esta notável discrepância parece indicar que as imagens do ‘Thierbuch’ foram pintadas no Brasil, enquanto pelo menos uma fração dos comentários terminou sendo acrescentada ao volume em data posterior. Caso isto tenha de fato ocorrido, semelhante tarefa deve ter sido efetuada o mais tardar durante o breve retorno de Wagener à sua cidade natal, pois existem alusões de que o ‘Thierbuch’ teria chegado a Dresden pelas mãos de seu próprio autor em outubro de 1641”.

3.1 1648 – BRASILIANO – Frei Manoel Calado do Salvador

Frei Manuel Calado do Salvador (Vila Viçosa, 1584 – Lisboa, 12 de junho de 1654), filho de Diogo Calado e de Inez Martins, professou na Ordem de São Paulo da Congregação dos Eremitas de Serra D’Ossa, em 8 de abril de 1607. Viveu cerca de trinta anos no Brasil, nas capitânicas da Bahia e de Pernambuco e foi testemunha de vários acontecimentos à época da segunda das invasões holandesas do Brasil em Pernambuco, tendo privado da amizade do conde Maurício de Nassau, que governou o Brasil Neerlandês entre 1637 e 1644. Participou da guerra

² “Nascido a 9 de maio de 1614 no seio da modesta família de um pequeno clérigo, Zacharias Wagener afastou-se de sua cidade natal de Dresden com apenas 20 anos de idade para tentar a sorte em terras distantes, engajando-se em 1634 como um dos mercenários enviados pela Companhia das Índias Ocidentais ao nordeste do Brasil, invadido quatro anos antes durante a expansão flamenga no Atlântico. Este seria o começo de três décadas e meia de serviços prestados aos Países Baixos e o princípio de uma notável escalada dentro da hierarquia das companhias de comércio holandesas, que culminaria com a obtenção do posto de vice-almirante e do cargo de governador da colônia do Cabo da Boa Esperança. Sem dúvida, grande parte dessa vertiginosa trajetória não teve lugar no Novo Mundo, sendo este talvez um dos motivos pelo qual a ‘Autobiografia’ do aventureiro de Dresden dedica contadas linhas aos sete anos de sua permanência no Brasil. Durante esse período, com efeito, as habilidades de Wagener foram suficientes apenas para guindá-lo ao posto de escrivão-mor e depois ao de despenseiro do Conde Maurício de Nassau-Segen, avanço pouco significativo que parece ter exercido escassa influência por ocasião de um novo contrato, desta vez firmado com a Companhia das Índias Orientais em 1642” (TEIXEIRA, 1997, p. 11).

de resistência contra o invasor, por pouco não tendo sido condenado à morte pelos neerlandeses. Após iniciada a chamada “Restauração Pernambucana” regressou à Corte e apresentou à Censura a primeira parte de sua obra acerca da guerra com os neerlandeses: *O Valeroso Lucideno e o Triunfo da Liberdade na Restauração de Pernambuco*, que seria publicada em 1648. A segunda parte desta obra estava pronta para a impressão (que não ocorreu) quando o autor faleceu, aos 70 anos de idade.³

Frei Manuel Calado foi o confessor de Calabar, antes de sua condenação à morte.



Figura 16. “Omeme Brasileiro” (Zacharias Wagener, *Thierbuch*, século XVII) (TEIXEIRA, 1997, p. 163).

³ Informações retiradas de: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Manuel_Calado> Acesso em 18 de dezembro de 2018.



Figura 17. “Molher Brasileira” (Zacharias Wagener, *Thierbuch*, século XVII) (TEIXEIRA, 1997, p. 165).

No *Valoroso Lucideno* (CALADO, 1648), a palavra “brasiliano” aparece diversas vezes, e por primeira vez na língua portuguesa:

P. 30:

“...e auia mandado o seu secretario com seis soldados, & dous Indios **Brasilianos** a buscar hum magote de ouelhas, que tinha deixado em casa de Ioseph de Almeida...”.

P. 44:

“...& entre elles forão dous Capitaens mōres Dom Antonio Camaraõ, & Henrique Dias, hum com seus Indios **Brasilianos**...”.

P. 75:

“...& os Olandeses se tornarão para o Arrecife, roubado aos Portugueses moradores a destro, & a sinistro, & matando a muitos por mãos dos Indios **Brasilianos** nossos capitaes inimigos...”.

P. 78:

“...& apos estes se seguião todos os Capitaens com suas companhias postas em ordem, & de tras destes hião os Indios **Brasilianos** com suas armas, assim de fogo, como arcos, & frechas...”.

P. 140:

“...dando sempre em proua tres homens seus parciaes, a saber Ioaõ Vinais, & Hans Wilens Comendor [sic] dos Cabocolos **Brasilianos**...”.

P. 141:

“Andando Gerardo Rabier Comendor [sic] dos **Brasilianos** Pitiguares, lançãdo finta de farinhas, & carnes pelos moradores, entrando por a casa de hum delles, parecendolhe bem a molher, com que estaua casado, prendeo o marido, & o mandou para fora ate gozar da pobre molher, & como o fez, o mandou soltar”.

P. 164:

“E porque poderá perguntar qualquer curioso, quem he este Dom Antonio Felipe Camarão? A isto respondo, que he hũ Indio **Brasiliano**, o mais leal vassalo, que Sua Magestade tem nesta America...”.

P. 165:

“...& q’ ninguem lhe abatera o orgulho, & o deshonrara, senão hum Indio **Brasiliano**, chamado o Camarão...”.

P. 182:

“...& outrosi mandauão seus soldados por as casas dos moradores a dizerlhe que todos estiuesses em suas casas, & não tuiesses seus fatos por os matos, porque os auião de mandar correr por os Cabocolos **Brasilianos**, & que auião de roubar tudo o que por os matos achassem escondido...”.

P. 184:

“Sahio logo do Arrecife o Gouernador das armas Henrique Hus com seiscentos soldados, a melhor gente de guerra, que os Olandeses tinhaõ, & com trezentos Indios **Brasilianos** inimigos do sangue Portugues...”.

P. 187:

“...& lhe derão mais duzentos negros da terra, Indios Pitiguares, chamados Cobocolos **Brasilianos**, grandes inimigos do nome Portugues...”.

P. 196:

“...& deu por noua que o Gouernador dos Indios **Brasilianos** Dom Antonio Felipe Camaraõ, & o Gouernador dos mulatos, & negros crioulos Henrique Dias, chegariaõ àquelle sitio dentro em sinco até seis dias, porque já vinhaõ perto...”.

P. 212:

“...porque de mil e quinhentos soldados Flamengos, com que o Gouernador se achou nas Tabocas, sò com quatrocentos se recolheo; não falando nos Indios **Brasilianos** Pitiguares, que destes não falo, ainda que morrerão muitos...”.

P. 213:

“...dispiaõ as molheres, deixandoas nuas, & rasgandolhe as orelhas para lhes tirarem as arrecadas; & chegou a tanto o desaforo que despois de despojarem das roupas, & vestidos, as pobres molheres as pretendiaõ deshonrar. & desflorar as dôzelas, & porque ellas o naõ quizerãõ cõsentir, mas antes com gritos, & lagrimas se defendiaõ, as espancauão cruelmente os Flamengos, & Indios **Brasilianos** seus aliados...”.

“...mandou sobre a tarde xaquear a todos os moradores da pouoação do Arraial velho, por os Flamengos, & Indios **Brasilianos**, os quaes o fizeraõ com tanto rigor, & crueldade, q’ não sòmente roubarão tudo o que acharão por as casas, & dispiraõ aos homẽs, & molheres de suas roupas, mas ainda fizeraõ outros desaforos mais pesados, indignos de se escreuerem aqui...”.

P. 219:

“...& indo mais adiante saindo à campina de outro engenho de Ioaõ Fernandes Vieira, chamado de Sancto Antonio, o qual auia sido de Francisco de Brito Pereira, encontramos a hum Flamengo com dous **Brasilianos**, que tambem andauão roubando...”.

P. 236:

“...os Flamengos feridos foraõ sessenta & dous; tambem com elles estauão na fortaleza sincoenta & seis Indios **Brasilianos** aos quaes por quanto sendo vassallos delRey, & nascidos na terra de Parnambuco...”.

P. 267:

“Partiraõ os nossos cem soldados em canoas, bateis, & jangadas, & inuestiraõ com o pataxo, o qual não puderão render da primeira inuestidura, porque acharão nelle grande resistencia; & acometendoo segunda vez com diliberada resolução, o tomarão, & nelle quinze Olandeses viuos, aos quaes se concedeo a vida, porque humildemête (vendose sem remedio) pedirão bõ quartel; outros se deitarão ao màr, para escaparem a nado, & principalmente os Indios **Brasilianos**, os quaes foraõ mortos às pelouradas...”.

P. 273:

“Pareceo bem o que pedião, & apresentados a Ioaõ Fernandes Vieira, lhe disserão em como muitos parentes seus estauão para se vir para nós, porem que não auiaõ de tardar muitos dias, ainda que algũs estauão receosos, por quãto os Olãdeses lhes metiaõ em cabeça que os Portugueses entregauão todos os negros que se vinhaõ para elles aos Tapuias saluagens, & aos **Brasilianos** do Camarão, para que os comessem assados, & cozidos...”.

P. 277:

“...pretenderaõ esgotar o de esta pobre gente cercada, para que nella se acabasse o nome Portugues daquella Capitania, para o que dezaseis dias, & noites os tiueraõ em cerco, assim Tapuias, como **Brasilianos**, & Flamengos, nos quaes lhes derão terribeis batarias sem as poderem leuar, vsando de hũ ardil, para cõ elle fazer a obra que pretendão”.

“E considerando os ditos cercados, q’ já não tinhão mantimenros nenhũs, nem munições para sustentar as armas, fiados nas palauras dos ditos Flamengos, lhes disserão, que fizessem disso hum papel, o qual fez o Tenẽte, & os mais officiaes de guerra, em q’ se assinavão, & nele lhes prometerão de os guardar dos ditos saluagẽs Tapuias, & **Brasilianos**...”.

P. 278:

“...& despedindose com lagrimas, & suspiros de molheres, & filhos, & irmaõs, & irmaãs, forão todos dando graças a Deos, & mui conformes, por morrerẽ por seu Deos, & por seu Rey, & sua patria, & dizendo estas mesmas palauras aos tyrannos algozes q’ os leuauão; & chegando aonde estauaõ os sobreditos **Brasilianos** lhos entregarão, & cõ a tyrãnia, & deshumanidade de q’ em seus coraçõese habita, os matarão, sã ficar nenhũ...”.

“No mesmo instante forão os mesmos tyrannos Flamengos, & **Brasilianos** à cerca, aonde sómente ficarão às pobres viùuas, & órfãos, & as acabarão de despojar de todos seus bẽs, deixandoas a muitas nuas, & com outros oprobrios, que passo em silencio”.

P. 279:

“Dous mancebos casados, hum chamado Manoel Alvarez Ilha, & outro Antonio Fernandes, despois de estarem em terra cheos de feridas, & nùs das cintas para sima, meteraõ as mãos nas aljubèiras, & puxando cada hum por sua faca, & inuestindo com os **Brasilianos** mataraõ logo a tres delles, & ferirão a quatro, ou sinco...”.

P. 280:

“Aos noue dias do mes de Nouembro de mil & seiscentos & quarenta & sinco sahio o inimigo do Arrecife com hum batalhão de trezentos & doze soldados, bem armados, com armas de fogo, & com outra tropa de cêto & tantos Indios **Brasilianos** seus confederados, & com outros muitos negros da Mina & Angola a buscar a nossa gête cõ intenção de que na agua enuolta da briga se metessem com elles trezentos & tantos Flamengos...”.

P. 292:

“Vierão nesta carauella algumas cartas do Governador das armas Olandesas Henrique Hus, & do Capitão mór dos **Brasilianos**, & do Sangento mór, que estauão prisioneiros na Bahia...”.

P. 302-303:

“Aos vinte & sete do mes apanharão os nossos soldados a hum Indio **Brasiliano**, dos que eraõ da parcialidade do inimigo. & trazido ao nosso Arraial confesou em como sahira da fortaleza dos Afogados por explorador dos Olãdeses a reconhecer a terra...”.

“As Indias se tornarão mui alegres, agora estamos esperando o q’ desta facção resulta, porq’ se os Olãdeses se virem sê o adjutorio dos **Brasilianos**, em quatro dias os destruiremos de todo o pōto...”.

P. 306:

“...ajuntou todo o cabedal, que lhe foi possiuel, mandando vir gente das fortalezas da Paraiba, & fez hum exercito de mil & trezentos sodados, a saber quinhentos Olandeses, & oitocentos Indios **Brasilianos** de sua facção, entre Pitiguares, & Tapuias...”.

P. 309:

“Trazia o inimigo mil & trezêtos soldados, a saber, quinhentos Olandeses, & oitocentos Indios **Brasilianos** entre Pitiguares, & Tapuias, todos armados com armas de fogo, senão eraõ os Tapuias, que trazião arcos, & frechas”.

P. 316:

“Esta he hũa das causas porque o Camarão não foi no alcance dos Olandeses, & Indios **Brasilianos** vencidos, que lhe forão fugindo, porque não dessem em desesperação. & della lhes nacesse furor para se deliberarem todos a morrer na demãda, ou a vencer...”.

P. 319:

“No fim do mes de Feuereiro chegarão nouas ao Governador da liberdade Ioão Fernandes Vieira, em como o Mestre de Campo Andre Vidal de Negreiros com a sua infantaria, & o Governador Camarão com os seus Indios **Brasilianos** auião tido na Paraiba um encontro com o inimigo Olandes, no qual lhe matairão muita gente...”.

P. 323:

“O q’ visto por elle, & a pouca força que tinhaõ, & que não se descubria mais gente, despedio deste forte, & do forte do Cabedello em lanchas duzentos, & vinte soldados, a saber sessenta Flamengos, & cento e sessenta Indios **Brasilianos**, seus aliados, & grandes inimigos da nação Portuguesa...”.

P. 324:

“Sahio a nossa gente, & acolhendoos no meio, matou a sincoenta & oito Olandeses, & quinze **Brasilianos**, os quaes logo ficarão estendidos no câpo, & vieraõ seguindo aos **Brasilianos**, & a primeira, que matarão foi a feiticeira, & profetisa, a onça, o tigre, & a Senhora dos Demonios...”.

“Não posso affirmar quantos foraõ ao certo os **Brasilianos** rebeldes mortos, porque como se deitarão ao mâr, & a nossa gente da praia os hia matando, & elles se hião sumindo entre as ondas...”.

“Tornouse o Mestre de Campo com o Camaraõ, & mais Capitaês, & soldados, mui alegre, para a Cidade, ficando o inimigo com grande magoa, & dôr, & naõ pouco sobresaltado; & tanto que toda a nossa gente descansou, partio o Camaraõ para o Rio grande com o seu terço dos **Brasilianos** Pitiguares, & Tapuias, dos quaes era Governador, & Capitaõ Geral por S. Magestade...”.

P. 325:

“...& o Capitaõ Nicolâs, com cento, & sincoenta soldados em vinte lanchas, os quaes chegando à Ilha de Itamaracà, tomaraõ alli outras dez lanchas com cê **Brasilianos**...”.

P. 327:

*“Quinze **Brasilianos**
Tambem ficarão mortos neste assalto,
Os mais temendo os danos,
Dando um, & outro salto,
Se arrojão (por saluarse) no mâr alto”.*

3.2 1679 – BRAZILIANO, BRAZILIANA – Frei Raphael de Jesus

Frei Rafael de Jesus (1614 -1693) foi um religioso, escritor, cronista e historiador português. Ele não se limitou ao estudo das letras sagradas, mas percorreu e incursionou também pelo vasto campo da História. Em 1681 foi nomeado Cronista–Mor do Reino de Portugal, por Alvará Régio. João Fernandes Vieira encomendou a frei Rafael de Jesus um livro para contar sua vida, exaltando seus feitos, a exemplo do que Gaspar Barléu havia escrito sobre o conde Maurício de Nassau. Assim surgiu o “*Castrioto Lusitano*”, ou “História da Guerra entre o Brazil e a Hollanda, durante os Annos de 1624 a 1654, terminada pela Gloriosa Restauração de Pernambuco e das capitánias confinantes”. Nessa obra o autor compara Vieira ao príncipe guerreiro albanês Jorge Scanderberg Castrioto, que lutou intensamente contra os turcos e a Sérvia pela recuperação da Albânia, que havia sido anexada à Turquia. Traduzido para várias línguas, foi um livro popular em Portugal, na sua época.

O livro de Frei Raphael de Jesus foi publicado às expensas do autor (subsidiado por Vieira?). O autor nunca esteve no Brasil e escreveu esta obra em Portugal, baseada principalmente no manuscrito “História da Guerra de Pernambuco e Feitos Memoráveis do Mestre de Campo João Fernandes Vieira”, por Diogo Lopes Santiago.⁴

⁴ O manuscrito de Diogo Lopes Santiago (ca. 1654) foi encontrado na Biblioteca Municipal do Porto e publicado por primeira vez, em diversas partes, na *Revista trimensal do Instituto Historico Geographico e Ethnographico do*

Em seu *Castrioto Lusitano* (RAPHAEL DE JESUS, 1679) [Figuras 18 e 19] há as seguintes passagens:

P. 170:

“Em seguimento do Cõde caminhavaõ os Ministros do cõçelho supremo, & politico cõ todos seus officiaes: Siguiaos o Tribunal da Camara: Depois, os q’ tinham postos na milicia; & a estes os homens de negocio; & no ultimo lugar, os soldados assi Olandeses, como **Brazilianos** em som de guerra funebre”.

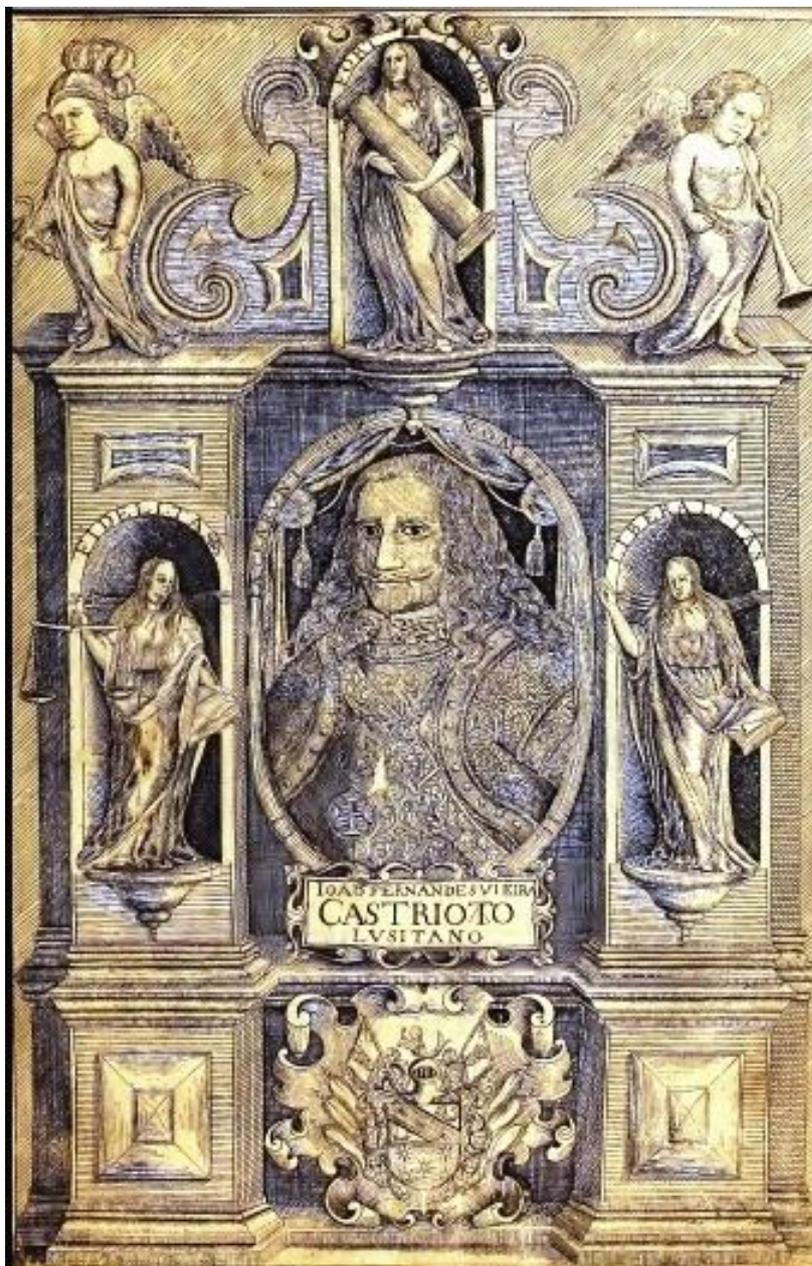


Figura 18. Retrato de João Fernandes Vieira no *Castrioto Lusitano* de Frei RAPHAEL DE JESUS (1679).

Brasil (SANTIAGO, 1876-1880). Como livro apareceu em 1943 (SANTIAGO, 1943). Não há nenhuma menção a gentílicos derivados de “Brasil” nesse texto.

CASTRIOTO LVSITANO

PARTE I.

ENTREPREZA, E RESTAVRACÃO
de Pernambuco; & das Capitánias Confinantes.

VARIOS, E BELLICOS SVCCÉSSOS
ENTRE PORTUGUÉZES, E BÉLGAS.

*ACONTECIDOS PELLO DISCURSO DE VINTE E QUATRO ANNOS, E
tiradas de noticias, relações, & promarias certas.*

COMPOSTOS EM FORMA DE HISTORIA
*pello Muyto Reverendo Padre Prégador Géral Fr. Raphaél de Jesus Natural da muyto Nobre, & sempre
Leal Villa de Guimaraes.*

RELIGIOSO DA ORDEM DO PRINCÍPE DOS PATRIARCHIAS

S. BENTO.

PROFESSO NA SUA REFORMADA CONGREGACÃO DE
*Portugal, & nella D. Abbade do Insigne Mosteyro de S. Bento de Lubraellie
presente anno de 1679.*

OFFERECIDOS

A IOÃO FERNANDES VIEIRA
CASTRIOTO LVSITANO

E POR ELLE DEDICADOS AO SERENISSIMO PRINCÍPE
D. PEDRO NOSSO SENHOR.
REGENTE DA LUSITANA MONARCHIA.

LISBOA.

Com as licenças necessarias.

Na Impressão de Antonio Craesbeeck de Mello Impressor de Sua Alteza
Anno. 1679.

Figura 19. Portada do *Castrioto Lusitano* de Frei RAPHAEL DE JESUS (1679).

P. 271:

“A hũa partida de cincoenta soldados Olandeses, & Indios desbaratãrão os Capitães Paulo Velozo, Francisco de Lisboa, & Mathias Ricardo com morte de treze Framengos, e oyto **Brazilianos**...”.

P. 407:

“Ao que não deferio o fementido Hereje, passando a dizer, que dos Olandeses levantados não tinhaõ que temer; porque todos eraõ fogidos com medo dos editaes, que por rebeldes os condenavão á forza; & que elle hia para a Fortaleza, & della os proveria de munições, & armas, para se defenderem; [em quanto do Arrecife não vinha socorro, para sahirem a castigar a insolencia dos **Brazilianos**] & despedindo-se, marchou para a Fortaleza, que distava seis legoas pella corrente do rio”.

P. 460:

“Entre a confusão, & o medo tiverão alguns occasião, para se passarem á nossa parte: Destes foraõ os primeiros, Cinco Negros Minas, que em 29. de Janeiro fogiraõ do Arrecife, & deraõ, por extenso, as novas da Victoria, q’ o Camaraõ alcançou dos Olandeses, & **Brazilianos** no Rio Grande...”.

P. 471:

“Entre Olandeses, & Indios se adiantava hũa feiteceyra **Braziliana**, que brandindo hum alfanje, dizia: Deixai-me chegar com estas unhas a esses caõs Portuguezes, que para lhes romper os coraçõs, sou Tygre; ligeira onça, para lhes dar alcance; & sequioza fera, para lhes beber o sague, & despadaçar as carnes. Chamavaõ-lhe os naturaes Pagé, que em sua lingua soa, prophetiza; & Anhaguará, que he o mesmo, que senhora dos demonios; em cujo auxilio punha a supersticiosa gentildade daquelles barbaros, toda sua confiança”.

3.3 1711 – BRASILIANO – Antonio Cardoso de Sousa

António Caetano de Sousa [Figura 20] (Lisboa, 30 de maio de 1674 – Lisboa, 5 de julho de 1759) foi um escritor, bibliógrafo e genealogista português que pertenceu ao grupo inicial de académicos da Academia Real de História Portuguesa. Foi clérigo teatino, a ele se devendo a História Genealógica da Casa Real Portuguesa, e o seu Aparato bibliográfico, a continuação do Agiologio Lusitano e um vasto conjunto de obras de carácter histórico e bibliográfico, particularmente ligadas à história eclesiástica de Portugal e seus domínios ultramarinos.

Filho de Miguel de Sousa Ferreira, nascido em São Nicolau, Porto, e de sua mulher (casados em Lisboa, Conceição Nova (extinta) Maria Craesbeck (Lisboa, Conceição Nova (extinta), 25 de Fevereiro de 1637 – Quinta da Ramada, 19 de maio de 1709), da família Craesbeck de Lovaina, desde há muito em Lisboa ligada à impressão e edição de livros.

Decidido a enveredar pela vida eclesiástica, em 1690 ingressou no convento de São Caetano de Lisboa, dos teatinos, e nele professou em 1691. Depois de cursar os estudos filosóficos e teológicos necessários à ordenação sacerdotal, enveredou pelo estudo da história eclesiástica. Conhecendo que o Agiologio Lusitano, de Jorge Cardoso, estava incompleto (só fora publicado o III volume, cobrindo o calendário litúrgico apenas até Junho), resolveu continuá-lo. Nesse trabalho deparou-se com graves dificuldades de acesso às fontes reunidas por Jorge Cardoso, as quais estavam parcialmente dispersas e parcialmente na posse de particulares que não permitiam o seu acesso (casa de Arronches). Como forma de sistematização, data desta época a criação do aparato bibliográfico, uma das primeiras listas organizadas de fontes bibliográficas conhecidas em Portugal, introduzindo um método de estudo sistemático das fontes que ainda hoje é considerado relevante.

Em seu trabalho contou com o apoio do rei D. João V de Portugal, que lhe concedeu uma pensão de 100\$000 réis por ano para permitir a contratação de um secretário.

Dadas as dificuldades de acesso às fontes, acabou por abandonar os estudos de hagiologia para se dedicar a outros estudos, particularmente genealógicos e de história eclesiástica. Da parte hagiológica da obra de António Caetano de Sousa resultou o volume que tem o título Agiologio Lusitano dos santos e varões illustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas, tomo IV, que compreende os meses de julho e agosto, com seus commentarios, claramente incompleto, publicado postumamente em Lisboa no ano de 1774.

Em 1720 foi fundada em Lisboa a Academia Real de História Portuguesa, tendo D. António Caetano de Sousa sido um dos seus primeiros 50 membros.

Nos âmbitos dos trabalhos académicos da novel instituição, António Caetano de Sousa, agora voltado para a história eclesiástica, foi encarregado de escrever as memórias eclesiásticas dos bispados ultramarinos portugueses, incluindo os de Ceuta e de Tânger, até ao tempo em que esses territórios deixaram de pertencer ao domínio português. Desta incumbência resultou

uma valiosa sequência de trabalhos sobre os bispados ultramarinos que foram sendo publicados nos tomos I e II da Coleção dos Documentos e Memórias da Academia Real de História.

Nos debates acadêmicos rapidamente se notabilizou pela sua erudição e pelo cuidado posto no estudo das fontes, sendo um dos membros mais colaborantes da Academia. Dado acervo bibliográfico que tinha obtido no âmbito dos seus estudos de hagiologia, a excelência do seu aparato e o conhecimento das fontes, a ele se deve o fornecimento de numerosas notícias e documentos que depois foram utilizadas por outros acadêmicos.

Quando em 1723 foi enviada para parecer da Academia uma árvore genealógica da casa real portuguesa, que fora elaborada pelo bispo de Sarsina, António Caetano de Sousa foi um dos académicos nomeados para estudá-la, tendo elaborado um parecer dizendo que achara aquela árvore genealógica tão escassa, que tivera de fazer outra, porque o bispo de Sarsina nem ao menos parecia ter conhecimento da obra de Jacob Guilherme Inchoff, intitulada *Stemma regium Lusitanicum seu Historia Genealogica Familiae Regiae Portugalliae*, que fora publicada em Amstedã no ano de 1708.

Em todas as sessões dava conta do progresso que fazia nos seus estudos acerca da história das dioceses ultramarinas, mas na sessão de 25 de janeiro de 1725 informou que parara esse trabalho por lhe faltarem notícias importantes que esperava do ultramar, e que entretanto se aplicara a outro estudo, nomeadamente ao desenvolvimento da árvore genealógica da casa real, por considerar inadequadas as obras existentes sobre a matéria. Desse estudo resultaram 37 mapas genealógicos, que o autor pediu que fossem reduzidos a um pequeno volume para uso dos académicos.

Ao conhecer o interesse do rei D. João V nos seus estudos sobre a casa real, abandonou os trabalhos sobre as dioceses ultramarinas, que se encontravam dificultados pela falta de fontes, para se ocupar exclusivamente na elaboração de uma História Genealógica da Casa Real Portuguesa. Partindo de um projecto inicial que previa elaborar 3 volumes de texto e um volume de documentos, graças ao acervo documental que tinha reunido, a obra foi crescendo até atingir, na sua conclusão, 13 volumes de texto, com 14.203 páginas, e 6 volumes de provas documentais, com 4.580 páginas, para além de um índice com 435 páginas. O primeiro volume foi impresso em 1735 e o último em 1749. A obra foi dedicada ao rei D. João V, que a mandou imprimir à sua custa. Apesar de o título dar a entender que se trata de uma genealogia da casa real portuguesa, a obra pode ser considerada uma história geral de Portugal, pois que nas suas vastas dimensões abrange múltiplos assuntos, mais ou menos enlaçados com a genealogia e ações da família real, desde o princípio da monarquia.

Quanto às Provas, cujos 6 volumes se publicaram de 1739 a 1748, incluem documentos que são de grande importância para a história política, civil e eclesiástica de Portugal, muitos dos quais se encontram hoje desaparecidos por se terem extraviado ou por terem sido consumidos pelos incêndios subsequentes ao terremoto de 1755.

O índice foi impresso em 1749, com o título *Indice geral dos appellidos, nomes proprios, e cousas notaveis que se comprehendem nos treze tomos da Historia Genealogica, e dos documentos comprehendidos nos seis volumes das Provas com que se acha autorizada a mesma Historia*, constituindo um importante estudo analítico do conteúdo daquelas obras. A partir dos estudos feitos sobre a casa real, António Caetano de Sousa publicou a obra intitulada *Memorias historicas e genealogicas dos Grandes de Portugal*, impressa em 1739. Como seria de esperar, a obra foi tão popular que se fizeram reedições em 1742 e 1755, a última das quais muito aumentada e corrigida pelo autor.

D. João V, além da pensão de 100\$000 réis que lhe dera, nomeou António Caetano de Sousa deputado da Junta da Bula da Santa Cruzada e deu o foro de fidalgo a um seu sobrinho. Posteriormente, o monarca aposentou-o no lugar de deputado da Junta da Bula, com o ordenado de 350\$000 réis, e deu 100\$000 réis de pensão pelas capelas que vagassem a seu sobrinho, para além de 12\$000 réis de tença a um seu segundo sobrinho.

Faleceu em Lisboa a 5 de julho de 1759, deixando numerosos trabalhos por publicar. Os manuscritos foram legados a D. Tomás Caetano do Bem, que publicou uma sua biografia e se encarregou da edição póstuma do *Agiologio*.⁵



Figura 20. D. Antonio Caetano de Sousa.

Em sua *Historia genealogica* (SOUSA, 1740, p. 188) aparece apenas esta breve menção a “Brasiliano”:

“...a primeira no anno de 1648, e a segunda no de 1649, devendo-se o principio desta restauração ao heroico, e generoso animo de Joaõ Fernandes Vieira no anno de 1645, em que começou a fazer guerra aos Hollandezes, em que teve igual gloria André Vidal de Negreiros, e a ambos fez ElRey diversas merces, com que honrou, e ennobreceu suas pessoas, a que se uniraõ D. Antonio Filippe Camaraõ, valeroso **Brasiliano**, Governador dos Indios da sua Nação, e Henrique Dias, Governador dos pretos seus naturaes...”.

3.4 1781 – BRAZILIANA, BRAZILIANO – Frei Santa Rita Durão

Frei José de Santa Rita Durão (Cata Preta, 1722 – Lisboa, 1784) foi um religioso agostiniano luso-brasileiro, orador e poeta, que fez a sua carreira e escreveu a sua obra em Portugal e no Brasil colonial.

É considerado um dos precursores do indianismo no Brasil. Seu poema épico *Caramuru* é a primeira obra narrativa escrita a ter, como tema, o habitante nativo do Brasil; foi escrita ao estilo de Luís de Camões, imitando um poeta clássico assim como faziam os outros neoclássicos (árcaes).

Estudou no Colégio dos Jesuítas no Rio de Janeiro até os dez anos, partindo no ano seguinte para a Europa, onde se tornaria padre agostiniano. Doutorou-se em Filosofia e Teologia pela Universidade de Coimbra e, em seguida, lá ocupou uma cátedra de Teologia.

Durante o governo de Pombal foi perseguido e abandonou Portugal. Trabalhou em Roma como bibliotecário durante mais de vinte anos até a queda de seu grande inimigo, retornando então ao país luso. Esteve ainda na Espanha e na França. Voltando a Portugal com a “viradeira”

⁵ Informações retiradas de <https://pt.wikipedia.org/wiki/António_Caetano_de_Sousa> Acesso em 18 de dezembro de 2018.

(queda de Pombal e restauração da cultura passadista), a sua principal atividade passou a ser a redação de *Caramuru*, publicado em 1781. Morreu em Portugal, em 24 de janeiro de 1784.



Figura 21. Portada do *Caramuru* de Frei José de Santa Rita DURÃO (1781).

O *Caramuru*, única obra restante escrita por Durão, é um poema épico de dez cantos, influenciado pelo modelo camoniano. Formado por oitavas rimadas e incluindo informação erudita sobre a flora e a fauna brasileiras e os Índios do país, compreende as cinco partes da epopeia tradicional (proposição, invocação, dedicatória, narração e epílogo). Este poema é um tributo do autor à sua terra natal. Segundo a tradição, a reação da crítica e do público ao seu poema foi tão fria que Santa Rita Durão destruiu o restante de sua obra poética.

No *Caramuru* (DURÃO, 1781) [Figura 21], constam as seguintes passagens

Páginas não numeradas da introdução:

“Diogo Alvares passava ao novo descobrimento da Capitania de S. Vicente, quando naufragou nos baixos de Boipebá, vizinhos á Bahia. Salvárão-se com elle seis dos seus companheiros, e forão devorados pelos Gentios Anthropofagos, e elle esperado, por vir enfermo, para melhor nutrido servir-lhes de mais gostoso pasto. Encalhada a náó, deixarão-no tirar della pólvora, bala, armas, e outras especies, de que ignoravão o uso. Com huma espingarda

matou elle caçando certa ave [Figura 6], de que espantados os Barbaros o acclamárão *Filho do trovão*, e *Caramuru*, isto he, *Dragão do mar* [sic]⁶. Combatendo com os Gentios do Sertão, venceu-os, e fez-se dar obediencia daquellas Nações barbaras. Offerecêrão-lhe os Principaes do Brazil as suas filhas por mulheres; mas de todas escolheu Paraguaçú, que depois conduzio comsigo á França; occasião, em que outras sinco **Brazilianas** seguirão a não Franceza a nado, por accompanhallo, até que huma se affogou; e intimidadas as outras, se rerirárão”.

P. 67 (Canto II, LXXVII):

“Perguntallo dos barbaros quizera:
Mas como o acceno, e lingua muito engana,
Acaso soube que á Gupeva viera
Certa Dama gentil **Braziliana**:
Que em Taparica hum dia comprehendêra
Boa parte da lingua Lusitana;
Que Portuguez escravo alli tratára,
De quem a lingua, pelo ouvir, tomára”.

P. 109, nota 22:

“*Ha Senado*. Todos os que escrevem os costumes dos **Brazilianos**, confessão que presidem ao seu governo os Anciãos, e os Principes das Tabas, ou Aldéas: e que outra cousa he o Senado?”.

P. 109, nota 24:

“*Ministros são*. Especie de Sacerdocio nos **Brazilianos**; e consta que os Póvos concorrem para o seu sustento com offertas”.

3.5 1795 – BRASILIANO – Frei Mariano da Conceição Velloso

O *Diccionario portuguez, e brasiliano* [Figura 22] (VELLOSO, 1795) foi baseado num manuscrito da autoria de um certo Frei Onofre, do qual disse Frei FRANCISCO DE NOSSA SENHORA DOS PRAZERES MARANHÃO (1891, p. 18).

“No Maranhão conservam nomes da lingua geral a maior parte das plantas, animaes, rios e sitios; correm tambem alguns vocabulos da mesma entre o vulgo. Por esta cauza julguei do meo dever dar ao publico alguma noticia d’esta lingua, e não a podia eu dar melhor do que a que apresento no seguinte Dicionario [p. 189-276, de sua *Poranduba Maranhense*]: elle foi composto por Frei Onofre... (nada mais sei do seo nome) antigo missionario dos indios, entre cujas obras manuscritas eu o descobri na livraria do convento de Santo Antonio do Maranhão”.

Frei Onofre escreveu que seu dicionário era da *língua geral*, e listou os vocábulos nessa língua, então traduzidos para o português. Quem o batizou de dicionário de *brasiliano* foi Frei Velloso, que o reescreveu ao reverso, listando os verbetes em português, acompanhados então pelo correspondente em língua geral.

⁶ *Caramuru* era o nome dado pelos Tupi a vários peixes anguliformes da família Muraenidae.

**DICCIONARIO
PORTUGUEZ, E BRASILIANO,
O B R A N E C E S S A R I A
A O S M I N I S T R O S D O A L T A R,**

**QUE EMPREHENDEREM A CONVERSAO DE TANTOS
MILHARES DE ALMAS QUE AINDA SE ACHAO
DISPERSAS PELOS VASTOS CERTOES DO
BRASIL, SEM O LUME DA FE', E
BAPTISMO.**

**AOS QUE PAROCHEAO MISSOES ANTIGAS, PELO EMBARAÇO
COM QUE NELLAS SE FALLA A LINGUA PORTUGUE-
ZA, PARA MELHOR PODER CONHECER O
ESTADO INTERIOR DAS SUAS
CONSCIENCIAS.**

*A todos os que se empregarem no estudo da Historia
natural, e Geografia daquelle paiz; pois conser-
va constantemente os seus nomes originarios,
e primitivos:*

P O R * * *

PRIMEIRA PARTE.



**L I S B O A
NA OFFICINA PATRIARCAL.**

ANNO M. DCC. XCV.

Com licença.

Figura 22. Portada do *Diccionario portuguez, e brasiliano* de Frei Mariano da Conceição VELLOSO (1795).

4 BRASILEIRO

4.1 1706 – BRASILEIRO – José Soares da Silva

Segundo o Dicionário de Houaiss a primeira citação de “brasileiro” foi feita por José Soares da Silva em 1706. Não tivemos acesso ao livro desse autor (SILVA, 1933).

4.2 1720 (3 de agosto, Rio de Janeiro) – BRAZILEIROS – Religiosos da Província da Conceição do Rio de Janeiro

Em “Representação” dirigida ao rei D. João V, escreveram os RELIGIOSOS DA PROVÍNCIA DA CONCEIÇÃO DO RIO DE JANEIRO (1720):

“Nos abayxo asignados Religiosos que somos desta Prouinça da Conseyção do Rio de Janeyro, e moradores no Convento de Santo Antonio postrados aos Soberanos Pés de V. Mag.^{de} = Rerezentamos que com esta providência Sua foy V. Mag.^{de} servido ordenar pello Seu Governador desta Çidade que desta Caza Capitullar que hé da Prouinça seretirasem pra outros Conuentos os Padres Fr. Miguel de S. Francisco, Fr. Alberto do Spirito Santo, Fr. Boaventura de IESVS, e Fr. Seraphino de Sancta Roza, pera assim sepor a Prouinça em pax como com effeyto sepôs, ex vi do que serecolheraõ a esta os frades que andauão dizpersos.

Mas como chegou á nossa notiça, que dous dos ditos Padres a saber o P.^o Fr. Miguel e o P.^o Alberto agora soleçitaõ restituirse a d.^{ta} Caza Capitular no que recebe a Provinça notavel inquietação, e deferimento pellos disturbios que estes dous Padres maquinaõ: pois sabemos que já influem e fulminaõ os frades seus naturaes **brazileiros** novas bulhas, e tambem levantes pera o que tem notauel proporção por não poderem sofrer ademitir de sy algum tanto de Governo da Prouinça no que consiste o bem da pas nella plantada, sendo çerto o referido como na verdade hé, o que juramos in verbis sacerdotum, porque queremos viuer na forma da S. Regra...”.

4.3 1728 – BRASILEIRO – Raphael Bluteau

P. 375:

MAZOMBO. Este nome não se dá indifferente a qualquer filho do Brasil. Jorge Marcgravio no livro 8. da sua hillor. do Brasil, cap. 4. traz os nomes, que os Brasileiros, quer Portuguezes, quer Gentes, dão às differentes nações, que naquella terra habitão;

4.4 1733 – BRASILEIRO – Frei Apollinario da Conceição

Em sua *Primazia serafica na regiam da America* (APOLLINARIO DA CONCEIÇÃO, 1733, p. 161-165) [Figura 23] lê-se:

“Com igual valor, e constancia se houverão quatro meninos, que indo do Brasil para Portugal, no anno de mil e seis centos, e noventa, sendo aprezada de Mouros a embarcação em que faziaõ viagem para Lisboa, entraraõ no cativoiro pelo mez de Novembro. Os tres tinhaõ de dez até treze annos, e o outro somente sete; idade que he preciso se note para medilla com os martyrios, que soffreo aquella tenra carne, aonde a graça fez alarde de seu poder. Logo que os puzeraõ em presença do tyranno Rey Muley Ismael, mandou retirar aos mais, que com elles

haviaõ sido cativos , e começou com muitas finezas, e caricias a tratar aos quatro meninos , e persuadillos juntamente a que abraçassem a ley de Mafoma, que a isto se dirigia todo o seu intento; mas elles em poucas palavras lhe disseraõ , que antes morreriaõ, que deixar a Fé de Christo , que professavaõ.

Indignado com esta protestaçaõ o Tyranno os mandou açoutar com tiras de pelles retorcidas, e com tal inhumanidade, como se foraõ robustos varões, assim como o mostravaõ ser na constancia com que os sofrião, pois repetião a cada açoute: *Somos Christãos pela graça de Nosso Senhor Jesu Cbristo*. Bem açoutados, os entregou EIRey a hum negro Eunuco, para que os flagellasse como quizesse , e os fizesse por meyo das tyrannias abraçar sua errada seita. Tomou o Eunuco a incumbencia com todo o empenho, que se pôde discorrer, e a primeira invectiva foy o tellos encerrados tres, ou quatro dias, sem permitir, que lhes dessem alimento. Passados elles, vendo-os muy robustos, (porque não he novo sustentar Deos sem alimento corporal a seus Servos muitos dias, como o usou com estes, que por seu amor padeciaõ) atou-lhes às gargantas humas cordas com apertados laços, e desta sorte os foy arrastrando por immundos, e rigorosos lugares, em que acabariaõ as vidas a não se lhe suspender o rigor quando o Tyranno os via quasi moribundos. Acabado este tromento, lhe deu tantos açoutes, que as delicadas pelles se lhe arrancavaõ juntamente com o mesmo instrumento; porem elles ensinados, e fortalecidos do Divino Espirito, tudo toleravaõ, e ratificavaõ sempre a Ley de Christo.

Por este Divino Senhor desprezavaõ as grandes promessas, que lhe fazia o maldito verdugo, e tambem as ameaças de novos tromentos, que nelles executava taes, como fazellos carregar tres e quatro vasilhas de terra, quando huma só era a que conduzia qualquer homem; e para que as levassem, eraõ ajudados dos lados por outros negros; mas como nem assim deixassem de cahir, e entornar a terra, entaõ eraõ as pancadas sem numero, e os rigores sem medida. De noite, para que nem nesta descansassem, os metiaõ entre negros, que com panos lhes tapavaõ a boca, para que nem se quer tivessem o alivio de suspirar, ou gemer antes para lhes augmentar tromentos, os vinhaõ a ver os filhinhos do Rey com seus negrinhos; e estes se entertinhaõ com elles, dandolhe com pãos, e ferros nas cabeças, deixando-os feridos, e derramando muito sangue.

Foy o mais pequeno, chamado Joseph, o principal objecto destas tyrannias, porque como menor, o consíderavaõ mais facil, e quanto mais resistia, mais se irritavaõ desaffogando a ira em mayores crueldades; e assim o separarãõ dos tres, atando-o pelas mãos, o penduraraõ de hum alto muro, dizendo: ‘Que se alli não renegava da Fé’, o deixavaõ cahir despenhado? Respondeolhe: *Que não seria outra cousa aquillo, que chamavaõ precipicio, senão hum voo para a Gloria; e que não só o não amedrontava o susto, senão que lhes agradecia a felicidade*. Repetiaõ-lhe: ‘Ou Mouro ou morrer’: e elle respondia com muita graça: *Tudo he hum, morrer, ou Mouros*. Não o reduzindo com meyo taõ inhumanos, lhe vestiraõ por força o turbante, e ainda que o arrojava de si, assim vestido de Mouro, o puzeraõ novamente só a elle ao trabalho da terra em mais apurada crueldade; e não afrouxando com este rigor repetido, o entregaraõ a hum *Talbe*, ou Mestre do Alcoraõ , para que lhe ensinasse a sua falsa seita, e persuadissem a seguilla. Sinalava-lhe este a liçaõ, que havia de aprender; porem o douto menino, em vez de aprender erros, ensinava ao cego Mestre desenganos, e verdades, dizendo-lhe em menos termos: *Que sò se devia aprender a Ley Santa, que ensinava o Christianismo*. Teve-o o *Talbe* em sua casa alguns dias, acompanhando com tyrannias as suas perseguições; porem achando-se taõ confuso com aquella innocencia, disse: ‘Que lho tirassem de sua casa, porque não parecia menino, senaõ demonio; e que em lugar de aprender, o queria ensinar.

Durou o martyrio deste menino, e de seus Companheiros pouco mais de hum mez; e cansados todos de atromentallos, quando elles estavaõ taõ gostosos em soffellos, dando noticia a El-Rey do executado, e do pouco fruto de suas experiencias, mandou o Rey enfadado já, que os deixassem, e puzessem com os demais cativos na masmorra. Foraõ trazidos ao nosso Convento de Marrocos, no qual com muita alegria de todos os Christãos acabaraõ os felices sete annos do nosso menino bemdito **Brasileiro**: depois de muitos dias, que Joseph, tiveraõ de cama os tres Companheiros, para tornarem em si dos máos tratamentos, ficaraõ com aquellas crueldades firmissimos na Fé, e com desejos de morrer por esta causa, tendo huma santa enveja a feu Companheiro, cuja dita não quis Deos concederlhes por seus altissimos juízos”.

PRIMAZIA
SERAFICA NA REGIAM
 DA
AMERICA,
 NOVO DESCOBRIMENTO DE SANTOS,
 e Veneraveis Religiosos da Ordem Serafica, que en-
 nobrecem o NOVO MUNDO com suas virtu-
 des, e accoens.
OFFERECIDA
 AO SENHOR
DOMINGOS MARTINS BRITO
 em a Cidade do Rio de Janeiro primeiro Irmaõ Geral da Confrater-
 nidade das Tres Ordens do Serafico Patriarcha S. Francisco,
 especial da Provincia da Immaculada Conceição de N. Senhora
 do Estado do Brazil, Syndico Geral perpetuo da mesma,
 e Minifro, que foy tres vezes da Veneravel Ordem Ter-
 ceira da Penitencia.
ESCRITA
 POR
FR. APOLLINARIO DA CONCEIC. AÕ.
*Religioso Leigo Capucho, filho professo da dita Provincia,
 e natural da Cidade de Lisboa Occidental.*
 LISBOA OCCIDENTAL,
 Na Officina de ANTONIO DE SOUSA DA SYLVA.
 Com todas as licenças necessarias.
M.D.CC.XXX.III.

Figura 23. Portada da *Primazia seráfica* de Frei APOLLINARIO DA CONCEIÇÃO (1733).

4.5 1764 (15 de junho, Rio de Janeiro) – BRAZILEIROS – Antônio Álvares da Cunha, Conde da Cunha

Em seu ofício ao Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, queixava-se o vice-rei CUNHA (1764):

“Este vastissimo e riquissimo Estado não sepode conservar, nem defender, de nossos poderosos Vezinhos, sem haver tropas bem reguladas, e meyo comq’ sepaguem e porq’ estes dous polos q’ devem segurar esta maquina estão dezordenados, devo dizer a V. Ex.^a o como, e o por q’ afim deq’ ElRey N. Snr. lhe possa dar a providencia q’ for servido.

Em pr.^o lugar digo q’ estão dezorientadas as tropas, o q’ succede por dous motivos, pr.^o por falta de deceptina, e o segd.^o por falta de homens; prq’ a má qualid.^e destes por serem naturaes desta Cap.^{nia}, e das Ilhas dos Açores, senão pode duvidar, deq’ são natural.^{te} moles, doentes, e froxos; o q’ seprova com os injuriosos successos desta ultima guerra, e p.^r q’ S. Mg.^e possa ficar peruadido desta verdade lhe deve V. Ex.^a dizer que D. Pedro de Cavallos tomou a Praça da Colonia com sette centos homens som.^{te} de tropa regulada, com este mesmo n.^o tomou as fortificações, e destrito do R.^o Grd.^e, eq’ com este grd.^e Exercito tomaria sem opposição alguma athe o R.^o de Janr.^o inclusivo se se lhe demorar a sua not.^a de páz, e todos estavam de acordo de lhe abandonarem a Cid.^e no Cazo q’ elle apparecesse na barra deste Porto, ainda q’ fosse a sua peçoa som.^{te} em huma Canoa.

Esta falta de homens se experimenta mais vezivelm.^{te} nos Off.^{es}, porq’ os q’ são **Brazileiros** não tem prestimo pelos defeitos já apontados, e os q’ são desse Reyno por falta de capacid.^e, e pela má Criação q’ aqui tiverão estão tão debeis, e achacados como os outros”

4.6 1765 – BRASILEIRO – “Bojamé Bernardino de Albuquerque e Faro”

Bojamé Bernardino de Albuquerque e Faro (ou ainda Amaro Mendes Gaveta, Antoni Duartis Ferraris, Antonio Duarte Ferrão, Bento Rasteiro, Duarte Nunes Ferrão, J. F. D. S, e João da Silva Fernandes) foi um pseudônimo utilizado por um presbítero secular, o padre João da Silva Rebello (1710-1790), doutor em Teologia ou Cânones pela Universidade de Coimbra (ANDRADE, 1999, p. 426). Em sua *Carta de guia para novatos* (BOJAMÉ BERNARDINO DE ALBUQUERQUE E FARO, 1765 [Figura 24], (in ANÔN., 1765, *Macarronea* [Figura 25]) há duas estrofes onde aparece a palavra *brasileiro*:

CARTA DE GUIA
PARA
NOVATOS,
VIDA IMPORTANTE, OU CHIMICA
proveitosa, que hum tratante envia a
hum amigo seu para cursar a Univerfida-
dade de Coimbra com grandeza na co-
dea, e xelpa;
ESCRITA
EM FAVOR DOS PATA'OS,
E offercida a todo o molageiro, que della
se quizer aproveitar,
POR
BOJAME' BERNARDINO
DE ALBUQUERQUE E FARO,
Natural de Porto Calvo, e na Univerfidade de Coimbra
estudante na Faculdade de Leys.

Figura 24. Página-título da *Carta de guia* de BOJAMÉ BERNARDINO DE ALBUQUERQUE E FARO (1765).

P. 142:

“Isto mesmo usarás c’o **Brasileiro**,
Que tem velhacaria, e muita treta,
E se vires que he filho de mineiro,
Arreda-te já delle, que he forreta:
Mas se vires que tem muito dinheiro,
Vê se pódés meterlhe sempre a peta.
Porém nunca te fies nesta gente,
Que trova muy de pressa, e de repente”⁷

⁷ Também em Bojamé Bernardino de Albuquerque e Faro (1786, p. 180).

P. 161:

“Tambem os **Brasileiros** no seu tanto
Blasonão de riquezas nunca ouvidas,
Dizendo, que na terra a cada canto
Tem mais prata que Cresso, ouro que Midas;
Excedêrem àquelle, causa espanto,
Por muitas circumstancias bem sabidas;
Mas com este bem pódem ter parelhas
Naõ pelos ouros, sim pelas orelhas”.

“Quem de Midas o caso fatal conta,
Ou seja assim, ou naõ, diz claramente,
Que Apollo por vingar a sua afronta
Lhe chegou às orelhas fortemente:
Porém o **Brasileiro**, tanto monta
Ser a Apollo afrontoso, ou reverente;
Porque sempre há de ter o tal talento
Cabeça humana, orelhas de jumento”.⁸

MACARRONEA
LATINO-PORTUGUEZA.

QUER DIZER:

A P O N T O A D O
DE VERSOS MACARRONICOS
Latino-Portuguezes, que alguns Poe-
tas de bom humor destilaraõ do
alambique da cachimonia para
deferro da melancolia.



LISBOA,

Na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno

M.DCC.LXV.

Com as licenças necessarias:

Figura 25. Portada de *Macarronea* (ANÔN., 1765), que contém a *Carta de guia*, de BOJAMÉ BERNARDINO DE ALBUQUERQUE E FARO.

⁸ Também em Bojamé Bernardino de Albuquerque e Faro (1786, p. 199).

4.7 1778 – BRAZILEIRO – Anôn.

No folheto intitulado *Conselhos que da um brasileiro veterano a todos os seus patricios que chegaram a esta corte* (ANÔN., 1778) [Figura 26] encontram-se os seguintes trechos:

P. 1:

“Não esperes, **Brazileiro**,
Por mais finezas, que faças,
Alcançar de Lyzia bella
Os mimos das suas graças”.

P. 6:

“Mas he, porque ignorava
O amor de hum **Brazileiro**;
Pois se soubesse os *Quindins*
Seria em tudo o primeiro.
Eu vendo-a arrependida
De amar a hum **Brazileiro**,
A Patria não quis negar;
Pois a Patria está primeiro”.

CONSELHOS,
QUE DA' HUM
BRAZILEIRO VETERANO
A TODOS OS SEUS PATRICIOS,
QUE CHEGAREM A ESTA CORTE:
EM QUE LHES MOSTRA AS COUSAS,
de que se haõ de livrar, para em tudo acer-
tarem, e viverem com honra.
ADVERTENCIAS SAUVAES CONTRA
o genero feminino, que he o que mais arrui-
na, como primeira causa dos nossos tra-
balhos todos, &c.
POR * * * *

CONSELHOS.

 **N**ÃO esperes, Brazileiro,
Por mais finezas, que faças,
Alcançar de Lyzia bella
Os mimos das suas graças.
Toma hum maduro conselho,
De quem experiente falla;
Não respondas a seus ditos,
Não dês credito, ouve, e calla.
Se o teu intento he ires
A Coimbra a te formares,
Aproveita todo o tempo
Sómente em estudares.
Tu chegaste n'hũa Epoca
De bella felicidade;
Porque a todos nos promette
A paz, e tranquillidade. **Se**

Figura 26. ANÔN., 1779. Primeira página do folheto *Conselhos que dá hum brasileiro veterano* (ANÔN., 1778).

P. 6 (nota (b)):

“Quindis são huns Movimentos naturaes, sem affectaçãõ, que tem os **Brazileiros**, por onde attrahem as amizades, acompanhados fces [?] taes Quindins de hũa sinceridade de palavras, que nascem de hum lizo coração, e naõ retrahido, de que nesta Corte julgãõ ser feitiço; mas que maior feitiço, que a meiguice, a verdade, a sinceridade, e generosidade de hum **Brazileiro** de bom gosto?”.

4.8 1784 – BRASILEIRA – Francisco Vieira Lusitano

Francisco de Matos Vieira (Lisboa, 4 de outubro de 1699 – Lisboa, 13 de agosto de 1783), mais conhecido por Vieira Lusitano [Figura 27], foi um pintor, ilustrador e acadêmico de mérito da Academia de São Lucas, de Roma. Foi cavaleiro professo na Ordem de Santiago da Espada, pintor histórico da Casa Real Portuguesa e ilustrador de múltiplas obras coevas. Depois de ter estudado em Roma e de uma complicada história amorosa, acabou por falecer no Convento do Beato António, em Lisboa.



Figura 27. Francisco Vieira Lusitano (auto-retrato).

Foi o terceiro filho de Francisco Vieira de Matos (fabricante de meias) e de Antónia Maria. Estava destinado pela sua família à carreira eclesiástica, mas desde criança revelou tal vocação para o desenho. Tanto parecia que as belas artes o atraíam, e que nelas poderia alcançar de futuro um grande nome, que aquela resolução foi posta de parte. Uns fidalgos da Quinta da Boavista, situada em Carnide (Lisboa), próximo do Mosteiro de Nossa Senhora da Luz, onde funcionavam algumas academias literárias, quiseram conhecê-lo, e o pai lá foi apresentá-lo. Nessa quinta é que Francisco de Matos Vieira se encontrou com uma menina, Inês Helena de Lima e Melo, que foi a sua primeira e única paixão, e por causa da qual muito havia de sofrer toda a vida. Esse amor que foi desabrochando por entre os brinquedos infantis, havia de atormentá-lo, depois, até ao fim da vida.

Entretanto, em Lisboa estudou humanidades e pintura, talvez com André Gonçalves. Vieira Lusitano ia fazendo progressos no desenho, e o Marquês de Abrantes, D. Rodrigo Anes de Sá Almeida e Meneses, que viu alguns desses trabalhos, e estava nomeado embaixador em Roma, propôs-lhe levá-lo consigo e protegê-lo, para que ele pudesse aperfeiçoar-se na arte, para que mostrava tão evidente vocação. A família de Vieira Lusitano aceitou a proposta, e a criança foi estudando regularmente, até que a 16 de janeiro de 1712 saiu de Lisboa na companhia do diplomata português com destino à capital italiana. O navio que o conduzia sofreu um violento temporal defronte de Cartagena (Espanha), mas felizmente chegou a porto de salvamento.

Em Roma foi discípulo de Benedetto Luti, e seguindo as indicações deste professor, estudou os quadros dos Caraches da Galeria dos Farnésios, frequentou as academias noturnas, e procurou com grande ardor aproveitar utilmente o tempo, mas o Marquês de Abrantes lembrou-se de o distrair desses trabalhos encarregando-o de lhe fazer desenhos de todos os festejos e funções religiosas que se efetuavam em Roma, de todos os ornamentos e peças que serviam de adorno aos altares da Basílica de S. Pedro, do museu do cardeal de Alpedrinha, e satisfeitas todas estas vontades, ainda o Marquês de Abrantes o mandou copiar os panos de Arrás, os candelabros, os móveis e tudo quanto guarnecia a sala principal do palácio da embaixada, bem como tirar um desenho da sua carruagem.

Nesta altura estava o diplomata português quase em vésperas de regressar a Portugal, e queria trazer consigo e seu protegido, ao qual comunicou a sua intenção. Vieira Lusitano recebeu grande desgosto ao saber de tal ideia, porque na verdade, pouco aproveitara com a sua estada em Roma, e pediu-lhe para se demorar mais algum tempo, por ser o seu ardente desejo aperfeiçoar-se na pintura. O Marquês de Abrantes não gostou do pedido, e parece mesmo que tratou desabridamente o seu protegido; afinal, reconhecendo que o pedido era razoável, deixou-o ficar em Roma, e Vieira ali se demorou mais dois anos, entregando-se então com todo o ardor ao estudo, e tendo Francesco Trevisani por mestre. Tomando parte num concurso da Academia de São Lucas, ganhou o prémio com um trabalho em que representou a conhecida cena de Noé embriagado diante de seus filhos, sendo ele o primeiro português que em Roma alcançou tão sabida honra.

Regressando à pátria depois de 7 anos de ausência, foi logo encarregado por D. João V de fazer um grande quadro do Santíssimo Sacramento para servir na procissão do Corpo de Deus, e depois de lhe pintar o retrato para servir de modelo aos cunhos da moeda. Posteriormente pintou também na sacristia da igreja patriarcal alguns quadros, representando Os Apóstolos, um Ecce Homo, Cristo crucificado, O Senhor preso à coluna, Cristo caminhando para o Calvário; e igualmente fez os esboços de 3 quadros do Salvador, S. João Evangelista e São Lucas, os quais não chegou a concluir.

Entretanto Vieira Lusitano e a menina de quem já se falou, D. Inês Helena de Lima e Melo, estavam cada vez mais apaixonados um pelo outro, e como a família de D. Inês se opunha ao casamento por julgarem o noivo de condição inferior, os dois namorados procuraram obter do patriarcado as licenças necessárias para o consórcio se realizar por procuração e apesar daquela resistência. O casamento realizou-se, mas os pais da noiva, logo que souberam das diligências em que andava Vieira Lusitano, levaram a filha para o Convento de Santana, e a obrigaram a professar, embora ela protestasse era casada. Francisco de Matos Vieira tentou por todos os modos legais tirar a esposa da clausura, mas como nem o próprio soberano o atendeu, decidiu voltar a Roma a fim de pedir ao papa os breves precisos para a realização do seu desejo.

Esteve mais de 5 anos em Roma, trabalhando ativamente, por um lado para entrar na posse de sua mulher, e por outro estudando constantemente para mais se aperfeiçoar na pintura, e se é certo que os seus esforços se malogravam quanto ao seu casamento não é menos certo, no que respeita às artes. tiveram eles o melhor êxito, porque, consolidando de dia para dia a sua reputação, foi feito académico de mérito na Academia de S. Lucas. Já antes da sua segunda viagem, em 22 de outubro de 1719, havia entrado na confraria de S. Lucas, onde estava

designado com o nome de Francisco Vieira de Matos. No ano seguinte foi feito membro do conselho administrativo deste instituto. Dos trabalhos que então executou, especializa-se o quadro que pintou para a Academia representando Moisés na presença do rei do Egito.

Voltando à pátria desanimado por não ter conseguido do pontífice aquilo que tanto ambicionava, entendeu-se com sua mulher e com ela deliberou levar a efeito o projeto, saltando embora por cima de todas as leis civis e eclesiásticas. Em 1728, arranjou meio de lhe chegar às mãos um fato completo de homem, e um dia, ao anoitecer, D. Inês saiu da sua cela, passou em frente da abadessa, que não a reconheceu com aquele disfarce, e saiu do mosteiro para se encontrar com seu marido, e assim no fim de tantos anos de trabalhos e de amarguras puderam unir-se os dois estremecidos esposos. Não tardou que a fuga de Inês fosse conhecida no convento, e os parentes, ao saberem do facto, logo juraram que Vieira Lusitano não ficaria impune.

Um irmão da ex-reclusa constituiu-se em vingador da honra da família supostamente ultrajada, e esperando o pintor próximo, da rua das Pretas, desfechou sobre ele um tiro de pistola, que o feriu gravemente. Algum tempo depois, Vieira Lusitano achando-se restabelecido, foi pedir a D. João V justiça contra o seu traçoeiro agressor, mas o monarca não o atendeu, porque influencias poderosas evitaram que a justiça procedesse; o criminoso saiu do reino livremente, e passados anos, caindo em miséria, viu-se na dura necessidade de ir mendigar o pão àquele mesmo que tentara assassinar. No entanto, Matos Vieira, temendo algum novo insulto, retirou-se por algum tempo para o Convento dos Paulistas, onde em 1730 e 1731 pintou uns famosos eremitas para o cruzeiro da igreja, e depois resolveu, para viver sossegado, uma nova viagem a Roma, mas chegando a Sevilha em 1732 trabalhou para Filipe V de Espanha, sendo dali chamado, um ano mais tarde, a Lisboa, e voltando a esta cidade, foi nomeado pintor do rei com o ordenado mensal de 60\$000 reis e as obras pagas. Esteve em Mafra, onde enviuvou em 1775, e cheio de desgosto pela perda da sua estremecida companheira, abandonou a pintura, e foi viver para o Convento Beato António, passando ali os últimos anos da sua existência. Recebeu a ordem de cavaleiro de S. Tiago, no ano de 1744.

Muitos dos trabalhos de Vieira Lusitano se perderam na terrível catástrofe do terramoto de 1755, sendo mais notável de todos eles o teto da Igreja dos Mártires, pintado em 1750, e em que se via representada a tomada de Lisboa por D. Afonso Henriques. Das suas outras obras, que escaparam ao terramoto, citaremos dois painéis na igreja de S. Roque: Santo António pregando aos peixes e Santo António prostrado diante de Nossa Senhora, os quais eram muito louvados por Pedro Alexandrino; Santo Agostinho, na portaria do convento da Graça. Em 1736; uns quadros de Santo António, S. Pedro, S. Paulo, a Sagrada Família, e Santa Bárbara, pertencentes à Casa de Povolide e executados de 1736 a 1740; outra Sagrada Família, pertencente ao conde de Assumar; um grande painel representando S. Francisco, do convento do Menino de Deus; um quadro da capela-mor da Cartuxa; os quadros de S. Francisco de Paula, na capela-mor da sua igreja, e nas capelas laterais, os de Nossa Senhora da Conceição, da Sagrada Família e Santo António, todos executados em 1765. A capela dos 7 altares da igreja de Mafra tem um grande quadro da Sagrada Família; na capela de S. Joaquim ao Calvário. Há outro quadro da Sagrada Família, colocado por cima do altar, que passa por ser um dos seus mais belos trabalhos; uma Senhora da Conceição, que estava na Junta do Comércio.

O Conde de Lippe visitou Vieira Lusitano em 1762, e obteve dele um Santo António que levou para Alemanha; Guilherme Hudson também adquiriu um belo quadro da Adoração dos Reis magos, que levou para Inglaterra. Fez um número prodigioso de ótimos desenhos, dos quais a maior parte deles possui a Inglaterra, onde os amadores das belas artes os pagaram por bom preço, e muitos deles foram reproduzidos em gravura. Vieira Lusitano também gravou a água forte, evidenciando se entre os seus trabalhos desse género: Neptuno e Coronis, e as Parcas cortando o fio vital de seu irmão. Em 1780, ainda foi nomeado director da Academia do Nu.

A sua vida tão amargurada por causa dos seus primeiros e últimos amores, contou-a ele num longo poema impresso em 1780, intitulado: O insigne pintor e leal esposo, história verdadeira que elle escreve em cantos lyricos[1].

Entre os discípulos do notável pintor conta-se sua irmã Catarina Vieira, de quem eram, em parte alguns quadros da ermida de S. Joaquim e que pintou um S. Lucas e um S. João Evangelista, que pertenciam a um particular chamado Moreira Dias, que morava na rua da Fé. Também foi seu discípulo o Morgado de Setúbal. Consta que na Biblioteca de Évora existe uma grande coleção de desenhos de Vieira Lusitano.⁹

P. 570:

“Junto áquella ponte posta,
Em que a Frota **Brasileira**
Todos os annos pejada
Seus ricos partros despeja...”.

4.9 1781 – BRASILEIRO – João Jorge de Carvalho

Em seu longo e esdrúxulo poema *Gaticanea* [Figuras 28-30] (Carvalho, 1781, p. 94, 1816, p. 86), lê-se:

“Vendo-se o grão Maluco [o cão; cf. Figuras 28 e 29] despegado
Daquelle raivosissimo Soldado,
Das forças pôde usar, que a natureza
Lhe deu correspondentes á grandeza.

Do raio ardente o impulso prompto imita,
Quando o trovão ruidoso o precipita,
E no Pernambucano [o gato] se arremeça,
Mais veloz do que a bala de huma peça.

Quis o Gato pagar-se na desforra;
Porém logo de medo as calças borra,
Quando sentio, que os bofes lhe trincava
Do Maluco a dentuça ruda, e brava,
E valer-se da força quer primeiro
O valente, e raivoso **Brasileiro**.
Mas cedendo á violencia manifrsta,
Que já o seu esforço le não presta
Dando de olhos mortaes claros indicios
De tributar a Clotho sacrificios...”.

⁹ Informações retiradas de <https://pt.wikipedia.org/wiki/Vieira_Lusitano> Acesso em 18 de dezembro de 2018. Ver também Castilho (1901) e Arruda (2015).



Por forte vencedor, a clara fama
e Me cinge o collarasô ainvicta frente,
E com ruidosa voz meu nome aclama
Por ver que fiz á força cunha, e cante
Asiáco reduzir, em brava guerra
Quantos Gatos miavaõ sobre a Terra.

Figura 28. Frontispício da *Gaticanea* de João Jorge de Carvalho (1781).



Figura 29. Frontispício com desenho modificado na edição de 1816 da *Gaticanea* de João Jorge de Carvalho.



Figura 30. Prancha desdobrável da *Gaticanea* de João Jorge de Carvalho (1781), mostrando o “exacto momento da cruelíssima guerra entre os cães e gatos na Real Praça da Vila de Mafra”.

4.10 1784 – BRASILEIRO – Luiz Alvares Pinto

Luiz Alvares Pinto (1719-1789), nascido no Recife, PE, foi provavelmente o fundador da Irmandade de Santa Cecília dos Músicos, na capital pernambucana. Desde cedo manifestou interesse pela música, que estudou juntamente com o latim, filosofia e retórica. Viajou para Portugal (1740), onde foi aluno do contrapontista Henrique da Silva Esreves Negrão, organista da catedral de Lisboa. Para manter-se, compunha, tocava violoncelo na capela real, fazia cópias de músicas e dava aulas em casas nobres. De volta a Pernambuco (1761), publicou a *Arte de solfejar* (1761), cujo manuscrito se encontra na Biblioteca Nacional de Lisboa, e passou a viver do ensino das primeiras letras e da música. Formou vários músicos e compositores atuantes em Pernambuco no século XVIII. Foi mordomo da Irmandade de N. S. do Livramento, no Recife (1762) e nomeado capitão do Regimento de Milícias (1766). Escreveu uma comédia em três atos, *Amor mal correspondido*, da qual restam alguns trechos, encenada na Casa da Ópera do Recife (1780) e rerepresentada várias vezes (1780-1783). Foi mestre-de-capela (1778-1789) principalmente da igreja de São Pedro dos Clérigos (1782-1780). Publicou um *Dicionário pueril* (1784) e duas outras obras didáticas: *Arte pequena para se aprender música* e *Arte grande de solfejar*. Sabe-se que morreu no Recife e que de suas composições restaram apenas um *Te Deum laudamus*, para quatro vozes mistas e baixo contínuo e uma *Salve Regina* para três vozes mistas e baixo. É o Patrono da Cadeira no. 2 da Academia Brasileira de Música (www.dec.ufcg.edu.br/biografias/LuizAPin.htm).

Em seu *Diccionario pueril* (PINTO, 1784, p. 15-16) declarou o autor:

“Devêramos inquirir, de que modo elles escreverão, e imitallos, não deichando amortecer a nossa lingua: mas já que não tem remédio, ao manos assentar-mos, que se elles escrevêraõ, pior exemplo: *Caça*, era porque pronunciarão o *Ça*, como já não sabemos: porém sempre seria mais forte, que o *Sa*: este he assobiado, como o pronunciaõ od **Brasileiros**; e o *Ça* com a lingua mais propinqua aos dentes, como pronunciaõ os Lisbonenses. O certo he, que elles levarão a lingua Portugueza ao Brasil (porque a Brasilica he diversissima): e se os **Brasileiros** assobiaõ o *S*, he porque o ouvirão, e aprenderão dos Portuguezes. Nem me digaõ, que será vicio da mesma lingua Brasilica; porque tenho ouvido a Indios pronunciar a lingua Lisbonense com a mesma perfeiçaõ, que elles, por serem os seus primeiros cultores os Lisbonenses”.

4.11 1786 – BRAZILEIRO – Anôn.

Em *Feição á moderna* (ANÔN., 1786b) (in ANÔN., 1786a, *Contrapezo da Macarronea* [Figura 31]) lê-se:

P. 148:

“Não pedir nunca demasias ao moço, nem á Ama: não fallar no traste, ou dinheiro, que emprestou ao amigo, e outros semelhantes arrojos, que não são imitaveis; porque esta feição he só para aquelles, que tem cinco moedas de mezada; para filhos de Mercadores ricos, ou para **Brasileiros**, que tem letra aberta no correspondente; porque os que tem só huma moeda, não pódem fazer estas africanas: porque mal lhes chega para comer a sua vaca ao jantar, e salada á noite”.

CONTRAPEZO
D A
MACARRONEA,
O U
SEGUNDO APONTOADO
DE ALGUMAS OBRAS EM VERSO, E PROZA,
alinhavadas na linguagem Portugueza,
e guarnecidas de conceitos arrastados,
e frases estiradas, para instrucção de
Novatos buçaes, e desfatio de Leito-
res leigos.



L I S B O A
Na Offic. Patr. de FRANCISCO LUIZ AMENO.
M. DCC. LXXXVI.
Com licença da Real Mesa Censoria.

Figura 31. Portada do *Contrapezo da Macarronea* (ANÔN., 1786a).

P. 155:

“Tambem de quando em quando frequentareis os Collegios, affectando semblante serio, e inculcando gravidade, para o que conduzirá muito levar o vestido de crepe, que sempre faz ostentaçãõ de Personagem. A todos dareis Paternidades muito Reverendas, em quanto estaõ as Reverendissimas embargadas: gaballos de bons estudantes, e perguntar-lhes, quando se doutoraõ; acrescentando, que o seu Collegio he a melhor cousa, que tem a Universidade: e assim sempre se tira hum papelico de doce, ou meia moeda emprestada. Finalmente a experiencia,

e a vossa astucia vos daraõ modo para passar em Coimbra sem trabalho, comendo, bebendo, e sendo senhor de quanto dinheiro entrar nas bolsas dos estudantes, pela vossa boa feição. Mas adverti, que não deveis gastar continencias com quem não possa servirvos para o intento: como v. g. Bracharenses, que não consiste a sua feição mais, que em repinicar machinho: Beirões, que mordem o dinheiro: Alentejões duros dos fechos: Filhotes por nenhum caso: **Brazileiros** poucas vezes: em quanto tiverdes Lisboetas, e Portuenses, não procureis mais nada”.

4.12 1789 – BRAZILEIRO – “M. D.”¹⁰

No *Discurso que fizeraõ duas senhoras portuguezas depois de lerem o papel dos conselhos que deu um Brasileiro*, de um autor que só se assinou “M. D.” (1789) [Figura 32], há três referências no texto à palavra “brazileiro”.

DISCURSO,

QUE FIZERAÕ DUAS SENHORAS

PORTUGUEZAS,

Depois de lerem o papel dos Conselhos, que deu hum Brasileiro a todos os seus Patricios, que viessem a esta Corte: a que elle chama Advertencias faudaveis contra o genero Femenino.

DIALOGO

ENTRE

MARCINA, E DELMIRA.

Por M. D.



LISBOA,

Na Offic. de FRANCISCO BORGES DE SOUSA.

Anno de MDCCLXXXIX.

Com licença da Real Meza da Commissãõ Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

Figura 32. “M. D.”, 1789. *Dialogo que fizeraõ duas senhoras portuguezas*. Frontispício.

¹⁰ Não constam nem a abreviatura nem a obra nos dicionários de Fonseca (1896) e Andrade (1999).

P. 5:

“Nada tem de Poezia;
As coizas mui mal reparte;
Em que mostra o **Brazileiro**
Naõ ter ingenho nem arte”.

P. 10:

“Mas isto he cansar-me em vaõ:
Marcina, este **Brazileiro**
Só estima os seus macácos,
Só adora o ter dinheiro”.

P. 13:

“Fujamos, Delmira amada,
De tudo que he **Brazileiro**:
E dos filhos da Bahia
Devemos fugir primeiro”.

4.13 1789a – BRASILEIRO – Joaquim José de Santa Anna Esbarra

Consta do título de sua obra: *A Gloria dos **Brasileiros**, e o Triumfo immortal dos europeos* (ESBARRA, 1789a).

4.14 1789b – BRAZILEIRA, BRAZILLEIRO – Joaquim Jozé de Santa Anna Esbarra

Em sua *Saudosa Cantilena* (ESBARRA, 1789b) encontra-se:

P. 6:

XI.

Servia-lhes de amavel companheiro
O Pastor Anodino Americano,
Que no toque da frauta era o primeiro,
E o seu canto entre todos mais ufano:
Lizardo o mais querido **Brazilleiro**
Com elle o prenadadissimo Limbrano,
Cantaraõ em festiva sociedade
Da Pastora Armelina a saudade”.

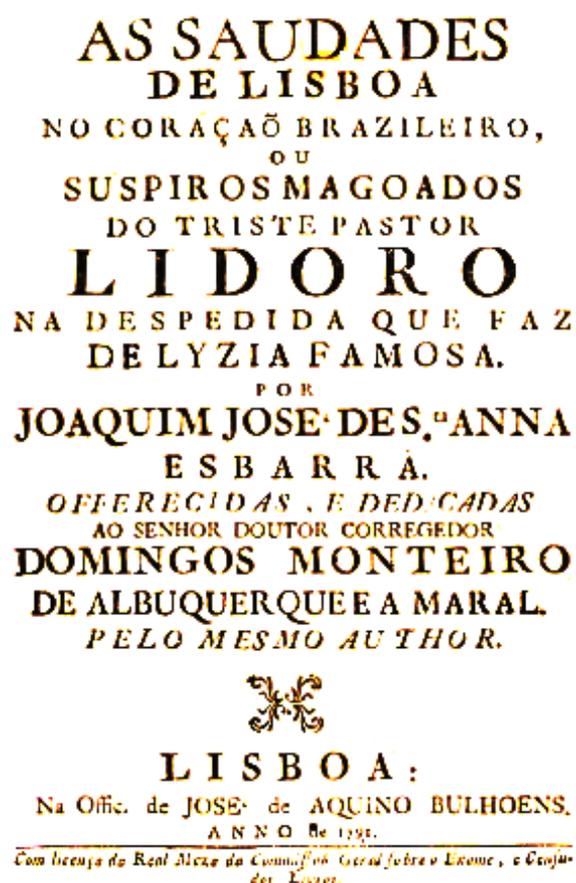


Figura 33. Portada de *Saudades de Lisboa* de Joaquim José de Santa Anna Esbarra (1791).

4.15 1791 – BRAZILEIRO – Joaquim José de Santa Anna Esbarra

Aparece com essa grafia em sua obra *Saudades de Lisboa no coração brasileiro* (ESBARRA, 1791) [Figura 33].

4.16 1794 – BRASILEIRA – Frei Jeronymo de S. José

Em sua *Historia chronologica da ordem da esclarecida Ordem da SS. Trindade* (JERONYMO DE SÃO JOSÉ, 1794, p. 357) [Figura 34] consta:

“...Imagem de vulto de oito palmos, de entalha dourada, e de importe, com duas Imagens mais de cinco palmos, de Santa Clara, e Santa Thereza, feito pela grande devoção da M. Soror Clara de Jesus Maria, Religiosa Brasileira”.

HISTORIA
CHRONOLOGICA
DA
ESCLARECIDA ORDEM
DA
SS. TRINDADE,
REDEMPÇÃO DE CATIVOS,
DA
PROVINCIA DE PORTUGAL:
DEDICADA
AO SEMPRE AUGUSTO, E GLORIOSISSIMO
PRINCIPE DO BRAZIL
D. JOAO,
NOSSO SENHOR,
POR
FR. JERONYMO DE S. JOSE,
*Chronista, Ex-Definidor, e Ex-Visitador Geral Apostolico da mesma Provincia,
natural da Villa de Guimarães.*
T O M. II.



LISBOA:
NA OFFICINA DE SIMÃO THADDEO FERREIRA,
ANNO DE M. DCC. XCIV.

Com Licença da Real Mesa da Commissão Geral sobre o Exame e Censura dos Livros.

Figura 34. Portada da *Historia chronologica* de Frei JERONYMO DE SÃO JOSÉ (1794).

4.17 1797 – BRAZILEIRO – Frei Gaspar da Madre de Deos

Em sua *Memoria para a historia da Capitania de S. Vicente* (GASPAR DA MADRE DE DEOS, 1797, p. 127) lê-se:

“As asseverações de Charlevoix, relativas aos trabalhos dos moradores de *S. Paulo* nas suas conquistas, são verdadeiras, os quaes trabalhos, e fadigas melhor comprehendeu este Francez, do que alguns Portuguezes ingratos, e invejosos, que affirmaõ não serem dignos de premio os Descobridores das Minas, e Sertões, com o falso, e escandaloso fundamento, de que os Paulistas antigos se recreavaõ, e faziaõ gosto de discorrer pelas brenhas, e terras incultas. Não fallavaõ desta sorte os Reinoes, nem os **Brazileiros** naturaes de outras Capitancias, que algumas vezes os acompanharão nas suas viagens dos Sertões, os quaes ordinariamente retrocediaõ do caminho, em tendo occasiaõ para isso, por se não atreverem a supportar as fomes, e incommodos, que elle [sic] soffriaõ”.

5 “BRASIL”

5.1 1712 – BRASIL – Bluteau

Em BLUTEAU (1712, p. 186) consta a palavra Brasil, grafada como atualmente:

Brasil. Tomase ás vezes por homem natural do Brasil. *Brasiliensis, is. Masc. & Fem. ense, is. Nent.* Val o mesmo na lingua dos *Brasils*. Noticias do Brasil do P. Simão Vafco c. 193.

6 O “BRASILEIRO DE TORNA-VIAGEM”¹¹

Machado (2005, p. 48)¹² assim se referiu ao “brasileiro de torna-viagem”:

“Os brasileiros de torna-viagens, conhecidos em Portugal simplesmente como ‘brasileiros’, são parte fundamental da história da emigração portuguesa. Foram eles os emigrantes que retornaram à pátria após algum tempo no Brasil e que, a partir do século XIX, passaram a fazer parte do universo simbólico português. Sobre eles foram criadas caricaturas mordazes, principalmente pelos literatos, entre os quais o mais famoso foi Camilo Castelo Branco¹³. Nos livros em que se escreveu sobre a questão – os de Júlio Dinis, Mendes Leal, Sá de Albergaria, Ramalho Ortigão, Fialho de Almeida, Aquilino de Almeida e Eça de Queirós, entre outros – fixou-se a imagem do regressado rico e também muito estúpido, ganancioso, usurário e faminto por comendas e nobilitação. Era o novo-rico alardeador, de costumes exóticos, com sotaque e roupas diferentes.

A imagem do torna-viagens bruto, selvagem e rico está ligada a uma concepção do Brasil como a “árvore das patacas”, lugar de infinita riqueza e potencialidades alvoroçantes. Imagem de um país selvagem, tão bruto quanto os torna-viagens, mas, de certa forma, o paraíso da ascensão social. Por outro lado, alguns romancistas contestaram essa representação cruel do brasileiro de torna-viagens, dando ênfase ou à prodigalidade empreendedora ou ao ‘inferno’ que o sonho da emigração poderia vir a ser. Autores como Luís de Magalhães, Gomes do Amorim, Ferreira de Castro e Magalhães Basto mostraram o outro lado do brasileiro de torna-viagens: aquele que retornou tão pobre quanto partiu e, ainda por cima, carcomido pelas doenças tropicais. Os romances sobre o falhanço da emigração enfatizam o Brasil como um inferno, um lugar de danação e desesperança, em oposição à tão sonhada árvore das patacas. Entretanto, seja como paraíso, seja como inferno, prevalece a imagem de um Brasil agreste, selvagem, perto demais da natureza”.

6.1 1706 – BRAZILEIRO – Antonio Carvalho da Costa

Em sua *Corografia Portuguesa* [Figura 35] (COSTA, 1706, p. 113) lê-se:

“Santo Estevão de Barrosas, Abadia da Mitra, que rende cento & cincoenta mil reis, tem trinta vizinhos. Daqui foy Abbade Dom João Pimenta, natural da Ponte da Barca, (depois Bispo de Angra) o qual sendo, Lente de Theologia em Coimbra, & tendo breve para comer a pensão desta Igreja, nunca a levou, & a mandava repartir pelos pobres da Freguesia, & fazer algumas peças da Igreja, & para ella mandou huma reliquia de S. Estevão, que está em hum relicario de prata em fôrma de custodia, & se mostra em seu dia, & outros do anno, a que concorre muita gente. Neste dstricto no mais alto da Portella se fez huma Ermida do Bom Jesus com fazenda de hum **Brazileiro** daqui natural: he imagem milagrosa, & de muita romagem”.

6.2 1747 – BRAZILEIRO – Luiz Cardoso

No *Diccionario geografico* (CARDOSO, 1747, p. 87) consta:

“Ha nesta Freguesia [AGUAS SANTAS, Provincia de Entre Douro e Minho, Bispado do Porto] cinco Ermidas; a de S. Miucl vizinha da Igreja; a de N. Senhora da Victoria da quinta da Boa-Vista, de Thomás de Sousa Machado, Cidadão do Porto; a de S. Joaõ Bautista na quinta do **Brazileiro**, que vay para Guimarães, que he de Antonio da Maya da Cidade do Porto...”.

¹¹ Entre outros trabalhos sobre o assunto, citaremos apenas os de SANTOS (2000), LISBOA (2009), FIGUEIREDO FILHO (2010) e especialmente o livro de MATOZZI (2016).

¹² Este belo artigo traz também importante bibliografia.

¹³ Cf. GRANJA (2009) e MOYSÉS (2014).

COROGRAFIA
PORTUGUEZA,

E DESCRIPÇAM

TOPOGRAFICA

DO FAMOSO REYNO DE PORTUGAL, COM AS NO-
ticias das fundações das Cidades, Villas, & Lugares, que contém;
Varoés illustres, Genealogias das Familias nobres, fundações
de Conventos, Catalogos dos Bispos, antiguidades,
maravilhas da natureza, edificios, & outras
curiofas obſervaçoens.

TOMO PRIMEYRO,

Offercido

A ELREY D. PEDRO II.
NOSSO SENHOR;

AUTOR

O P. ANTONIO CARVALHO DA COSTA.
Clerigo do Habito de S. Pedro, Mathematico, natural de Lisboa.



L I S B O A,

Na officina de VALENTIM DA COSTA DESLANDES
Impressor de Sua Magestade, & à sua custa impresso.
Com todas as licenças necessarias. Anno M. DCC. VI.

Figura 35. Portada da *Corografia Portuguesa* (COSTA, 1706).

6.3 1758 – BRAZILEYRO – “Pároco de Cibões”

Existe na internet um texto do Sr. Rui M. Mendes, datada de Lisboa aos 29 de junho de 2011, intitulado “A Capela de S. Domingos do Cutelo, nas Terras do Bouro (1731)”, com interessantíssimas informações, aqui transcritas:

“No Cartório do Distribuidor de Lisboa, registamos no Livro de 1731, entre as notas do Tabelião João Rodrigues dos Santos, ao mês de Janeiro, uma Escritura de Doação com o seguinte sumário:

“Doação = Domingos Pereira Viana para se fazer hũa Capela em hũ lugar da freguesia de São Mamede de Cibonis” (DGARQ-ADL¹⁴, Cartório do Distribuidor, L. 095, f. 207.

Pesquisando outros elementos sobre este Domingos Pereira Viana, verificamos que ele aparece nas Memórias paroquiais de Cibões, como fundador de uma Capela na aldeia de Cutelo. Neste caso, como se pode verificar, o termo Capela é mais do que um lugar de culto, é sobretudo um vínculo ou legado pio com obrigação de Missas rezadas por um Capelão, como aliás regista o pároco de Cibões em 1758: ‘*Tem no Lugar de Cottelo huma Cappella da Invocação de Sam Domingos, que instituiu há dez annos o Brazileyro Domingos Pereira Vianna feita e hedificada à sua custa à qual por fábrica em dinheiros, que tem em Lisboa em padroens Reais, e nella poz hum Capellão a quaer dá cada anno setenta mil Reis por dizer cada Semana por Sua Alma coatro Missas entrando as dos dias Santos, e dar Escolla aos Rapazes da freguezia, e dando-lhe papel para elle aprenderem, e dar-lhes Cartilhas, e dando mais elle instituidor vinte mil Réis ao administrador com Obrigação de lhe fazer huma festa em dia de Sam Domingos, para o que lhe deixou em cada anno oito mil Reis*’.

¹⁴ DGARQ = Direcção-Geral de Arquivos; ADL = Arquivo Distrital de Lisboa.

Pela descrição apresentada verifica-se que este Domingos Pereira Viana, apelidado de *Brazileyro*, seria alguém que, tendo ganho fortuna nas partes do Brasil, legou uma parte dos seus bens para um instituto pio a favor de sua terra, que além de uma Ermida com Missa regular, incluía a providência de uma Escola. Trata-se de facto de um legado notável”.

6.4 1762 – BRAZILEIRO – Frei Francisco de Santiago

Na *Chronica da santa provincia de N. S. da Soledade* (FRANCISCO DE SANTIAGO, 1762, p. 284) consta:

“O frontespicio da mesma Igreja fez ao moderno nestes annos com sua torre, e sino grande, que se ouve em todos aqueles contornos, hum **Brazileiro** devoto a Senhora”.

7 “BRAZILEIRO” COMO DESIGNATIVO DE UM CONTINUADO EXERCÍCIO, TRÁFICO OU OFÍCIO

Dois autores se insurgiram contra o termo *brasileiro* usado como gentílico, alegando que se referia, primariamente, aos exploradores e comerciantes de pau-brasil. Entretanto, não encontramos nenhuma referência a este último sentido na antiga literatura em língua portuguesa.

7.1 1822 – BRAZILEIRO – Hipólito José da Costa

Hipólito José da COSTA publicou o primeiro número de seu *Correio Braziliense* em 1808.

No número 28 do *Correio Braziliense* (COSTA, 1822, p. 165-166) teceu os seguintes comentários:

“Mas infelizmente achamos, que as cousas vam muito pelo contrario, e que he entre os Portuguezes e alguns **Brazileiros**, e não entre os Brazilienses*, que se fomenta e se adoptam medidas para essa separação, que temos julgado imprudente, por ser intempestiva; e que temos combatido, na supposição de que os Portuguezes Europeos nos ajudariam em nossos esforços, para impedir, ao menos por algum tempo, essa scisaõ”.

E na nota *, ao pé da página 165 explicou:

“Chamamos Braziliense, o natural do Brazil: **Brazileiro**, o Portuguez Europeo ou o estrangeiro, que la vai negociar ou estabelecer-se; seguindo o genio da lingua Potugueza, na qual a terminação *eiro* denota a occupação; exemplo *çapateiro* o que faz çapatos: *ferreiro* o que trabalha em ferro: *cerieiro* o que trabalha em cera: *brazileiro*, o que negocia em brazis ou generos do Brazil, &c.: por outra parte o natural do Porto chama-se *Portuense*, e não Portueiro; o natural da Bahia *Bahiense* não Bahieiro. A terminação em *ano* tambem serviria para isto; como por exemplo, de Pernambuco Pernambucano: e assim poderiamos dizer Braziliano; mas por via de distincção, desde que começamos a escrever este Periodico, limitamos o derivado Braziliano, para os indígenas do paiz, usando do outro Braziliense, para os estrangeiros e seus descendentes ali nascidos ou estabelecidos; e actuaes possuidores do paiz”.

7.2 1844 – BRAZILIENSE – Francisco Adolpho de Varnhagen

Em sua crítica ao livro *Compendio de Historia do Brazil* de José Ignacio de Abreu e Lima, VARNHAGEN (1844, p. 70) foi o seguinte a criticar o uso de *brasileiro* para designar os índios do Brasil ou os cidadãos desse país:

“E primeiro que tudo, digamos por uma vez para toda a obra, que não achamos proprio que se empregue a palavra —Brazileiro—tratando-se dos indios selvagens, e da mesma expressão adjectiva, referindo-se ás castas, e nações indigenas; e isto é, porque temos, além d’este ultimo nome de indigenas, o improprio, mas já recebido, de Indios, ao qual podemos acrescentar as respectivas das mesmas nações, &c. Por este meio se evitariam certos quis pro quos que apparecem no Compendio, taes como:— “nem todos os Brazileiros eram anthropophagos” (pag. 29). “Os Brazileiros não são geralmente polygamos, ainda que alguns chefes possam ter diversas mulheres” (pag. 32, &c.). “Seguindo quasi sempre o instincto da natureza, os Brazileiros possuem algumas virtudes sociaes” (pag. 34, &c.). —Podemos ainda em casos taes usar dos adjectivos Braziliense, Braziliano; e quando em referencia aos indigenas, o nome de Brazil, que é o unico empregado pelos classicos, e que tem a vantagem de ser mais curto”.

E na nota * ao pé da página 70 acrescentou:

“À expressão — Brazileiro —, quando empregada substantivamente, parece que se liga já certa idea de cidadão civilisado: é o unico adjectivo de quantas nacionalidades ora nos occorrem, que do paiz Brazil se

accrescentou á terminação em — eiro — que na lingua Portugueza é designativa de um continuado exercicio, trafico, officio, que o principio inculca, v. g., sineiro, caminheiro, boleiro, roceiro, pedreiro. &c., de sino, caminho, bolea, roça, pedra, &c.

Assim lembra-nos que o nosso adjectivo de nacionalidade não derivou immediatamente da terra, mas sim do producto no principio mais exclusivo d'ella, que lhe fez mudar em Terra do Brazil o nome de Santa Cruz; e que por tanto se dizia, v.g., mercatores brasileiros os que negociavam em pau-brazil; matos brasileiros aquelles em que elle crescia, &c.; navios brasileiros, &c., como hoje se dizem baleeiros, &c.

REFERÊNCIAS¹⁵

- AGOSTINHO DE SANTA MARIA, Frei, 1722. *Santuário Mariano, e historia das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e milagrosamente manifestadas, & apparecidas em o Arcebispado da Bahia, & mais Bispados; de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande, Maranhão, & Graão Parà, em graça dos prégadores, & de todos os devotos da Virgem Maria nossa Senhora. Tomo nono. Que consagra, offerece, e dedica ao illustrissimo Senhor Arcebispo da Bahia D. Sebastião Monteyro da Vide, do Conselho de Sua Magestade, Fr. Agostinho de Santa Maria, ex-vigario géral da Congregação dos Agostinhos Descalços de Portugal, & natural da Villa de Estremoz.* Na Officina de Antonio Pedrozo Galram, Lisboa Occidental.
- ANDRADE, A. da G., 1999. *Dicionário de pseudónimos e iniciais de escritores portugueses.* Biblioteca Nacional, Lisboa.
- ANÔN., 1765. *Macarronea latino-portuguesa. Quer dizer: Apontado de versos macarronicos latino-portuguezes, que alguns poetas de bom humor destilarão do alambique da cachimonia para desterro da melancolia.* Na Officina Patriarchal de Francisco Luiz Ameno, Lisboa.
- ANÔN., 1778. *Conselhos, que dá hum brasileiro veterano a todos os seus patricios, que chegarem a esta Corte. Em que lhes mostra as cousas, de que se hão de livrar, para em tudo acertarem, e viverem com honra. Advertencias saudaveis contra o genero feminino, que he o que mais arruína, como primeira causa dos nossos trabalhos todos, &c. Por ***.* Na Off. de Francisco Sabino dos Santos, Lisboa.
- ANÔN., 1786a. *Contrapezo da Macarronea, ou segundo apontado de algumas obras em verso, e proza, alinhavadas na linguagem portugueza, e guarnecidas de conceitos arrastados, e frases estiradas, para instrução de novatos buçaes, e desfastio de leitores leigos.* Na Offic. Patr. de Francisco Luiz Ameno, Lisboa.
- ANÔN., 1786b. *Feição á moderna ou logração disfarçada, quimica á surrelfa, e ideas de tratantes, novamente inventadas para passar a vida escolastica na Universidade de Coimbra a cavalleira, com applausos, boa vida, e dinheiro, sem assistencia de mezadas,* pp. 141-156, in ANÔN., 1786a, q. v.
- APOLLINARIO DA CONCEIÇÃO, Frei, 1732. *Pequenos na terra, grandes no ceo. Memorias historicas da Ordem Serafica, que do humilde estado de leigos subirão ao mais alto grão de perfeição. Parte I. Dedicada ao grande Patriarcha. Antesignano de Jesu Christo. O Serafico Padre São Francisco, E escrita por Fr. Apollinario da Conceição, religioso leigo da Provincia da Immaculada Conceição de Nossa Senhora do Rio de Janeiro, do*

¹⁵ Abreviaturas usadas nas referências:

- AHU: Arquivo Histórico Ultramarino
- ACL: Administração Central de Lisboa
- CU: Conselho Ultramarino
- 017: Capitania do Rio de Janeiro
- Cx.: Caixa
- D.: Documento no.

Instituto Capucho, e natural da cidade de Lisboa Occidental. Na Officina da Musica, Lisboa Occidental.

APOLLINARIO DA CONCEIÇÃO, Frei, 1733. *Primazia serafica na regiam da America, novo descobrimento de santos, e veneraveis religiosos da Ordem Serafica, que ennobreceram o NOVO MUNDO com suas virtudes, e açções. Offerecida ao senhor Domingos Martins Brito, em a Cidade do Rio de Janeiro primeiro Irmão Geral da Confraternidade das Tres Ordens do Serafico Patriarcha S. Francisco, especial da Provincia da Immaculada Conceição de N. Senhora do Estado do Brasil, Syndico Geral perpetuo da mesma, e Ministro, que foy tres vezes da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia. Escrita por Fr. Apollinario da Conceição, Religioso Leigo Capucho, filho professo da dita Provincia, e natural da Cidade de Lisboa Occidental.* Na Officina de Antonio de Sousa da Sylva, Lisboa Occidental.

ARRUDA, L. C., 2015. Chapter twelve. Francisco Vieira Lusitano: The Autobiography, pp. 250-278, in FERRÃO & BERNARDO, orgs., q. v.

BENTO DA APRESENTAÇÃO, Frei, 1764. *Catagrafo epipompteutico dos applausos solemnissimos, que na Villa sempre leal de S. Francisco de Sergipe do Conde fez celebrar o Nobilissimo Senado da Camara, aos 19 do mez de dezembro de 1760, em obsequio dos sempre augustos, e felicissimos desposorios da Serenissima Princeza dos Brazis n. senhora com o Serenissimo Infante D. Pedro. Dedicado ao senhor Juiz Ordinario Bernardo de Siqueira Lima e Menezes e offerecido por Fr. Bento da Apresentação o mais indigno dos seos servos, e filho da Provincia de Santo Antonio do Brasil, strictioris observantiae, academico supranumerario, da Academia Brasilica dos Renascidos.* Na Officina de Antonio Vicente da Silva, Lisboa.

BLUTEAU, R., Pe., 1712. *Vocabulario portuguez, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiatico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero, geographico, geometrico, gnomonico, hydrographico, homonymico, hierologico, ichthyologico, indico, isagogico, laconico, liturgico, lithologico, medico, musico, meteorologico, nautico, numerico, neoterico, orthographico, optico, ornithologico, poetico, philologico, pharmaceutico, quidditativo, qualitativo, quantitativo, rethorico, rustico, romano, symbolico, synonymico, syllabico, theologico, terapeutico, tecnologico, uranologico, xenophonico, zoologico, autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos, e offerecido a El Rey de Portugal, D. Joaõ V pelo padre D. Raphael Bluteau, clerigo regular, doutor na Sagrada Theologia, Prégador da Raynha de Inglaterra, Henriqueta Maria de França & Calificador no sagrado Tribunal de Inquisição de Lisboa, [Vol. 2, B-C; B; p. 1-216, C: 1-654].* No Collegio das Artes da Companhia de Jesu, Coimbra.

BLUTEAU, R., Pe., 1728. *Suplemento ao Vocabulario portuguez, e latino, que acabou de sahir a luz, anno de M.DCC.XXI. Dividido em outo volumes, dedicados ao magnífico Rey de Portugal, D. Joaõ V. Parte II. Pelo Padre D. Rafael Bluteau, clerigo regular, doutor na Sagrada Theologia, Prégador da Rainha de Grãa Bretanha, Henriqueta Maria de França, Qualificador do Santo Officio no Sagrado Tribunal de Inquisição de Lisboa, e Academico da Academia Real.* Patriarcal Officina da Musica, Lisboa Occidental.

BOJAMÉ BERNARDINO DE ALBUQUERQUE E FARO, 1765. Carta de guia para novatos, vida importante, ou chimica proveitosa, que hum tratante envia a hum amigo seu para

cursar a Universidade de Coimbra com grandeza na codea, e xelpa; escrita em favor dos patãos, e offerecida a todo o molageiro, que della se quizer aproveitar, por Bojamé Bernardino de Albuquerque e Faro, natural de Porto Calvo, e na Universidade de Coimbra estudante na Faculdade de Leys, p. 131-148, in ANÔN., 1765, q. v.

BRANDÃO, A. F., [1618] 1887. [Dialogo das grandezas do Brasil] Dialogo Quinto. *Revista do Instituto Archeologico e Geographico de Pernambuco*, Recife 33, p. 83-120.

BRANDÃO, A. F., [1618] 1943. *Diálogos das grandezas do Brasil segundo a edição da Academia Brasileira, corrigida e aumentada, com numerosas notas de Rodolfo Garcia e introdução de Jaime Cortesão*. Edições Dois Mundos Ltda., Rio de Janeiro.

CALADO [DO SALVADOR], M., Frei, 1648. *O Valeroso Lucideno e Triumpho da Liberdade. Primeira Parte. Composta por o P. Mestre Frei Manoel Calado*. Paulo Craesbeeck, Impressor, Lisboa.

CARDOSO, G., 1652. *Agiologio lvsitano dos sanctos e varoens illvstres em virtvde do Reino de Portugal, e svas conqvistas. Consagrado aos gloriosos S. Vicente e S. Antonio insignes patronos desta inclyta Cidade Lisboa, e a sev illvstre Cabido Sede Vacante. Composto pelo licenciado George Cardoso, natvral da mesma cidade. Tomo I. Que comprehende os dous primeiros meses Ianeiro, & Feuereiro, com seus commentarios*. Na Officina Crasbeekiana, Lisboa.

CARDOSO, G., 1666. *Agiologio lvsitano dos sanctos e varoens illvstres em virtvde do Reino de Portugal, e svas conqvistas. Consagrado aos gloriosos S. Vicente e S. Antonio insignes patronos desta inclyta Cidade Lisboa, e a sev illvstre Cabido Sede Vacante. Composto pelo licenciado George Cardoso, natvral da mesma cidade. Tomo III. Que comprehende os dous meses de Maio, & Junho, com seus commentarios*. Na Officina de Antonio Crasbeeck de Mello, Impressor de Sva Alteza, Lisboa.

CARDOZO, L., Pe., 1747. *Diccionario geografico, ou noticia historica de todas as cidades, villas, lugares, e aldeas, rios, ribeiras, e serras dos Reynos de Portugal, e Algarve, com todas as cousas raras, que nelles se encontrão, assim antigas, como modernas, que escreve, e offerece ao muito alto, e muito poderoso Rey D. Joaõ V. Nosso Senhor o P. Luiz Cardoso, da Congregação do Oratorio de Lisboa, Academico Real do Numero da Historia Portugueza. Tomo I*. Na Regia Officina Sylviana, e da Academia Real, Lisboa.

CARVALHO, J. J. de, 1781. *Gaticanea, ou cruelissima guerra entre os cães, e os gatos, decidida em huma sanguinolenta batalha na grande praça da Real Villa de Mafra. Escrita por João Jorge de Carvalho*. Na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, Lisboa.

CARVALHO, J. J. de, 1816. *Gaticanea, ou cruelissima guerra entre os cães, e os gatos, decidida em huma sanguinolenta batalha na grande praça da Real Villa de Mafra. Escrita por João Jorge de Carvalho*. Na Impressão Regia, Lisboa.

CARVALHO E ALBUQUERQUE, J. P. de, 1760. *Culto metrico. Tributo obsequioso, que ás aras da sacratissima pureza de Maria Santissima Senhora Nossa, e May de Deos dedica, offerece e consagra pelas sagradas mãos do excel., e rev., senhor o senhor D. Joseph Botelho de Mattos, Arcebispo da Bahia, Primaz dos Estados do Brasil, do Conselho de*

Sua Magestade Fidelissima, e Presidente do Supremo Tribunal da Mesa de Consciencia, e Ordens, dos seus escravos o mais rendido Joseph Pires de Carvalho e Albuquerque, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, Doutor nos sagrados Canones pela Universidade de Coimbra, Ouvidor, e Provedor que foy da Camara do Alemquer, Cavalleiro professo na Ordem de Christo, Alcaide mór da Vila de Maragogippe, e Secretario do Estado, e Guerra do Brasil, Censor da Academia Brasilica dos Renascidos. Na Officina Patriarchal de Francisco Luis Ameno, Lisboa.

CARNEIRO, D. G., 1641. *Oração apodixica aos scismaticos da patria. Offerecida a Francisco de Lucena do Conselho de Sua Magestade seu Secretario de Estado, commendador da Ordem de Christo, &c. Pello doutor Diogo Gomes Carneiro brasiliense natural do Rio de Janeiro.* Na Officina de Lourenço de Anueres, Lisboa.

CASTILHO, J. de, 1901. *Amores de Vieira Lusitano. Apontamentos biographicos.* Antonio Maria Pereira (Livraria Editora), Lisboa.

COSTA, A. C. da, 1706. *Corografia Portugueza, e descripçam topografica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das Cidades, Villas, & Lugares, que contêm; Varoës illustres, Genealogias das Familias nobres, fundações de Conventos, Catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens. Tomo primeyro, offerecido a ElRey D. Pedro II. nosso senhor, author o P. Antonio Carvalho da Costa, Clerigo do Habito de S. Pedro, Mathematico, natural de Lisboa.* Na officina de Valentim da Costa Deslandes, Impressor de Sua Magestade, Lisboa.

COSTA, H. J. da, 1822. Reflexoens sobre as novidades deste mez. Reyno Unido de Portugal Brazil e Algarves. União de Portugal com o Brazil. *Correio Braziliense ou Armazem Literario*, Londres 28, p. 165-172.

CUNHA, A. Á. da, Conde da Cunha, 1764 (15 de junho). Officio do [vice-rei do Estado do Brasil] conde da Cunha [Antônio Álvares da Cunha], ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar] Francisco Xavier de Mendonça Furtado, informando o estado de desorganização geral das tropas, sobretudo as da praça do Rio de Janeiro, em virtude da falta de disciplina e do despreparo dos soldados e oficiais, em sua maioria brasileiros e açorianos, mencionando as dificuldades para o recrutamento, pois as família da terra detinham numerosos privilégios e isenções, assinalando o débito deixado pelo falecido conde de Bobadela [Gomes Freire de Andrade] e que, apesar da atual austeridade nos gastos, estavam sendo executadas obras na cadeia, casa da Relação, hospital militar, quartel de cavalaria e no palácio do vice-rei. **AHU_ACL_CU_017, Cx. 72, D. 6552.**

DURÃO, J., Frei J. de Santa Rita, 1781. *Caramurú. Poema epico do descobrimento da Bahia, composto por Fr. José de Santa Rita Durão, da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, natural da Cata-Preta nas Minas Gerais.* Regia Officina Typografica, Lisboa.

ESBARRA, J. J. de S. A., 1789a. *A Gloria dos Brasileiros, e o triumpho immortal dos europeos: Representado nos illustrissimos e excellentissimos Governadores que são, e tem sido, da America, Africa, e Asia. Offerecido, e dedicado ao illustrissimo e excellentissimo senhor D. Rodrigo Jozé Antonio de Meneses, e Noronha. Por seu menor criado Joaquim Jozé de Santa Anna Esbarra.* Na Officina de Francisco Borges de Sousa, Lisboa.

- ESBARRA, J. J. de S. A., 1789b. *Saudoza cantillena que repetirão os pastores Limbrano, Anodino, e Lizardo, na Arcadia Brazileira, pela perpetua auzenzia, que fez a sua Pastora Armelina. Por Joaquim Jozé de Santa Anna Esbarra.* Na Officina de Francisco Borges de Sousa, Lisboa.
- ESBARRA, J. J. de S. A., 1791. *As saudades de Lisboa no coração brasileiro, ou suspiros magoados do triste pastor Lidoro na despedida que faz de Lyzia famosa, por Joaquim José de S.^{ta} Anna Esbarra. Offerecidas, e dedicadas ao senhor doutor Corregedor Domingos Monteiro de Albuquerque e a Maral, pelo memo author.* Na Offic. de José de Aquino Bulhoens, Lisboa.
- FERRÃO, L. & L. M. A. V. BERNARDO, orgs., 2015. *Views on Eighteenth Century Culture: Design, books and ideas.* Cambridge Scholars Publishing, Newcastle upon Tyne.
- FIGUEIREDO FLHO, R. M., 2010. Análises histórico-sociais dos torna-viagens a partir da literatura portuguesa oitocentista. *Cadernos de História*, Belo Horizonte 11 (1) , p. 1398-151.
- FONSECA, M. A. da, 1896. *Subsidios para um dicionario de pseudonymos, iniciaes e obras anonymas de escriptores portuguezes. Contribuição para o estudo da litteratura portugueza. Com poucas palavras servindo de prologo pelo academico Dr. Theophilo Braga.* Typographia da Academia Real das Sciencias, Lisboa.
- FRANCISCO DE NOSSA SENHORA DOS PRAZERES MARANHÃO, Frei, 1891. Poranduba Maranhense. *Revista trimestral do Instituto Historico e Geographico Brazileiro*, Rio de Janeiro 54 (1) , p. 1-277.
- FRANCISCO DE SANTIAGO, Frei, 1762. *Chronica da Santa Provincia de N. Senhora da Soledade da Mais Estreita, e Regular Observancia do Serafico Padre S. Francisco do Instituto dos Descalços no Reino de Portugal : a qual consagra, dedica, e offerece ao mesmo Serafico Patriarca S. Francisco, o minimo de seus filhos. Tomo primeiro.* Na Officina de Miguel Manescal da Costa, Impressor do Santo Officio, Lisboa.
- FREYRE, F. de B., 1675. *Nova Lusitania. Historia da guerra brasilica. A purissima e saudosa memoria do serenissimo principe Dom Theodosio Principe de Portugal, e Principe do Brasil. Decada primeira.* Na Officina de Joam Galram, Lisboa.
- GAMA, M. J. N. da, 1798. *Theorica das funções analyticas, que contem os principios do calculo differencial livres de toda consideração de quantidades infinitamente pequenas ou de desvanecentes, de limites ou de fluxões, e reduzidos à analyse algebrica das quantidades finitas. Por M. La Grange e de ordem de Sua Alteza Real o Principe Nosso Senhor. Traduzida do francez por Manoel Jacinto Nogueira da Gama, Cavalleiro Professo na Ordem de S. Bento de Avis, Bacharel formado em as Faculdades de Mathematica, e Philosophia pela Universidade de Coimbra, Capitão Tenente da Armada Real, e professor de mathematica na Academia Real da Marinha. Primeira parte.* Na Offic. de João Procopio Correa da Silva, Lisboa.
- GASPAR DA MADRE DE DEOS, Frei, 1797. *Memorias para a historia da Capitania de S. Vicente, hoje chamada de S. Paulo, do Estado do Brasil publicadas de ordem da*

Academia R. das Sciencias por Fr. Gaspar da Madre de Deos, monge beneditino, e correspondente da mesma Academia. Na Typographia da Academia, Lisboa.

- GRANJA, R. da S., 2009. *Brasileiros e Portugueses: Todos fora do lugar – A imagem do brasileiro torna-viagem na ficção camiliana.* Tese de Doutoramento, Área de Estudos Comparativos de Literaturas da Língua Portuguesa, FFLCH, USP, São Paulo.
- GUERREIRO, B., S. J., 1625. *Jornada dos vassallos da Coroa de Portugal, pera se recuperar a Cidade do Saluador, na Bahya de todos os Santos, tomada pollos Olandezes, a oito de Mayo de 1624. & recuperada ao primeiro de Mayo de 1625. Feita pollo Padre Bertolamev Guerreiro da Companhia de Iesv.* Por Matteus Pinheiro, Impressa à custa de Franciso Aluarez liureiro, Lisboa.
- HARDEN. A. R. de O., 2010. Manoel Jacinto Nogueira da Gama: Ciência e tradução no final do século XVIII. *Tradução em Revista*, Rio de Janeiro 8, p. 1-19.
- JABOATAM, A. de S. M., Frei, 1761. *Orbe serafico novo brasilico, descoberto, estabelecido, e cultivado a influxos da nova luz de Italia, estrella brilhante de Hespanha, luzido sol de Padua, astro mayor do ceo de Francisco, o thaumaturgo portuguez Sto. Antonio, a quem vay consagrado, como theatro glorioso, e parte primeira da chronica dos frades menores da mais estreita e regular observancia da Provincia do Brasil, por Fr. Antonio de S. Maria Jaboatam &c.* Na Officina de Antonio Vicente da Silva, Lisboa.
- JERONYMO DE SÃO JOSÉ, Frei, 1794. *Historia chronologica da esclarecida Ordem da SS. Trindade, Redempção de Cativos, da Provincia de Portugal: Dedicada ao sempre augusto e gloriosissimo Principe do Brazil, D. João, nosso senhor, por Fr. Jeronymo de S. José, Chronista, ex-Definidor, e ex-Visitador Geral Apostolico da mesma Provincia, natural da Villa de Guimarães. Tomo II.* Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, Lisboa.
- LISBOA, W. T., 2009. Selvagens, brutos ou heróis? Os *brasileiros de torna-viagem* e a construção identitária do Brasil em Portugal. *Revista de Antropologia Social dos Alunos da PGAS-UFSCar*, São Carlos 1 (2), p. 94-104.
- MACHADO, I. J. de R., 2005. O “brasileiro de torna-viagem” e o lugar do Brasil em Portugal. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro 35, p. 47-67.
- MATOZZI, M., 2016. *Portugueses de torna-viagem. A representação da emigração na literatura portuguesa.* Universidade de Coimbra, Coimbra.
- M. D., 1789. *Discurso que fizerão duas senhoras portuguezas, depois de terem o papel dos Conselhos que deu hum Brasileiro a todos os seus Patricios, que viessem a esta Corte, a que elle chama Advertencias saudaveis contra o genero Femenino. Dialogo entre Marcina, e Delmira.* Na Offic. de Francisco Borges de Sousa, Lisboa.
- M. D., 1805. *Discurso que fizerão duas senhoras portuguezas, depois de terem o papel dos Conselhos que deu hum Brasileiro a todos os seus Patricios, que viessem a esta Corte, a que elle chama Advertencias saudaveis contra o genero Femenino. Dialogo entre Marcina, e Delmira.* Typographia Lacerdina, Lisboa.

- MELO, F. M. de, 1660. *Epanaphoras de varia historia portvgveza. A ElRey Nosso Senhor D. Affonso VI. Em cinco relaçoens de svcessos pertencentes a este Reyno. Que contem negocios publicos, politicos, tragicos, amorosos, belicos, triunfantes. Por Dom Francisco Manvel.* Na Officina de Henrique Valente da Oliveira Impressor do Rey Nosso Senhor, Lisboa.
- MORAES SILVA, A. de. 1789a. *Diccionario da lingua portugueza composto pelo Padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro. Tomo primeiro. A = K.* Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, Lisboa.
- MORAES SILVA, A. de, 1789b. *Diccionario da lingua portugueza composto pelo Padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro. Tomo segundo. L = Z.* Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, Lisboa.
- MOYSÉS, T. de F. A., 2014. Entre Portugal e a “árvore das patacas”: Os percursos do brasileiro torna-viagem na ficção camiliana. *Nau Literária: Crítica e Teoria das Literaturas*, Porto Alegre 10 (2), p. 42-52.
- PINTO, L. A., 1784. *Diccionario pueril para o uso dos meninos, ou dos que principiaõ o ABC. E a soletrar dicções, dedicado ao senhor doutor Domingos da Costa Monteiro, Cavalleiro professo na Ordem de Christo, por Luiz Alvares Pinto, natural da Villa de S. Antonio do Recife de Pernambuco.* Na Offic. Ptr. de Francisco Luiz Ameno, Lisboa.
- RAPHAEL DE JESUS, Frei, 1679. *Castrioto Lusitano. Parte I. Empresa, e restauração de Pernambuco; & das capitánias confinantes. Varios e bellicos successos entre portugueses, e belgas acontecidos pello discurso de vinte quatro annos, e tirado de noticias, relações & memorias certas. Composto em forma de historia pello muyto reverendo Padre Pregador Géral Fr. Raphael de Iesus natural da muyto nobre, & sempre leal Villa de Guimarães, Religioso da Ordem do Principe dos Patriarchas S. Bento professo na sua reformada congregaçam de Portugal, & nella Abbade do insigne Mosteyro de S. Bento de Lisboa este presente anno de 1679. Offerecidos a João Fernandes Vieira Castrioto Lusitano e por elle dedicados ao sereníssimo D. Pedro nosso senhor, regente da lusitana monarchia.* Na Impressão de Antonio Craesbeeck de Mello Impressor de Sua Alteza, Lisboa.
- RELIGIOSOS DA PROVÍNCIA DA CONCEIÇÃO DO RIO DE JANEIRO, 1720 (3 de agosto). Representação dos religiosos da Província da Conceição do Rio de Janeiro e moradores no Convento de Santo Antônio ao rei [D. João V], solicitando que os frades brasileiros Miguel de São Francisco e Alberto do Espírito Santo, não sejam transferidos dos conventos em que se encontram, visto terem sido enviados para lá por causa dos distúrbios em que causaram nesta província, juntamente com os freis Boaventura e Serafino de Santa Rosa. AHU_ACL-CU_017, Cx. 11, D. 1237.
- SAMPAIO, F. A. de, 1971. História dos reinos vegetal, animal e mineral do Brasil pertencente à Medicina. [Tomo II] Contem a descrição de varios animaes estampados nas suas naturaes côres. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro 89 (2) (“1969”): 1-91, 20 pls.
- SANTIAGO, D. L. de, 1875-1880. Historia da guerra de Pernambuco e feitos memoraveis do mestre de campo João Fernandes Vieira heróe digno de eterna memoria, primeiro aclamador da guerra. *Revista do Instituto Historico Geographico e Ethnographico do*

Brasil, Rio de Janeiro 38 (1), p. 149-336, 1875; 39 (1), p. 97-195, 323-409, 1876; 40 (1), 411-504, 1877; 41 (1), p. 143-181, 387-429, 1878; 42 (1), p. 91-104, 157-198, 1879; 43 (1), p. 5-79, 191-262, 1880.

SANTIAGO, D. L., 1943. *História da guerra de Pernambuco e feitos memoráveis do mestre de campo João Fernandes Vieira. Herói digno de eterna memória. Primeiro aclamador da guerra*. Secretaria do Interior, Recife.

SANTOS, E. dos, 2000. *Os brasileiros de torna-viagem no Noroeste de Portugal*. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa.

SILVA, J. S. da, 1933; *Gazeta em forma de carta (Annos de 1701-1706) por José Soares da Silva, Acadêmico de numero da Academia Real da Historia Portuguesa. Tomo I*. Biblioteca Nacional, Lisboa.

SISSON, S. A., 1948. *Galeria dos brasileiros ilustres (Os contemporâneos)*. Livraria Martins Editôra S. A., São Paulo [Biblioteca Histórica Brasileira. Direção de Rubens Borba de Moraes. XVIII].

SOUSA, A. C. de, 1760. *Historia genealogica da Casa Real Portugueza, desde a sua origem até o presente, com as familias illustres, que procedem dos reys, e dos serenissimos duques de Bragança. Justificada com instrumentos, e escritores de inviolavel fé, e offerecida a ElRey D. Joaõ V. Nosso Senhor por D. Antonio Caetano de Sousa, Clerigo Regular, e Acadêmico do numero da Academia Real. Tomo VII*. Na Regia Offiina Sylviana, e da Academia Real, Lisboa Occidental.

TEIXEIRA, D. M., 1997. *Brasil Holandês. Volume II. O “Thierbuch” e a “Autobiographia” de Zacharias Wagener*. Editora Index, Rio de Janeiro.

VARNHAGEN, F. A. de, 1844. PRIMEIRO JUIZO. Submettido ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro pelo seu Socio Francisco Adolpho de Varnhagen, acerca do “Compendio da Historia do Brazil” pelo Sr. José Ignacio de Abreu e Lima. *Revista trimensal de Historia e Geographia, ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, Rio de Janeiro 6, p. 60-83.

VELLOSO, J. M. da C., 1795. *Diccionario portuguez, e brasiliano, obra necessaria aos ministros do altar, que empreendem a conversão de tantos milhares de almas que ainda se achaõ dispersas pelos vastos certões do Brasil, sem o lume da fé, e baptismo. Aos que parocheaõ missões antigas, pelo embaraço com que nellas se falla a lingua portugueza, para melhor poder conhecer o estado interior das suas consciencias. A todos os que se empregarem no estudo da Historia natural, e Geografia daquelle paiz; pois conserva constantemente os seus nomes originarios e primitivos. Por *** [Frei Velloso]. Primeira parte*. Na Officina Patriarchal, Lisboa.

VELLOSO, J. M. da C., frei, 1800. *Aviario brasilico ou galleria ornithologica das aves indigenas do Brasil, disposto, e descripto segundo o systema de Carlos Linne, copiado do natural, e dos melhores authores, precedido de diversas dissertações analogas ao seu melhor conhecimento, acompanhado de outras estranhas ao mesmo continente, tudo debaixo da protecção, e ordem de S. A. R. o Principe do Brasil nosso Supremo Imperante*,

por Fr. José Mariano da Conceição Velloso. Na Officina da Casa Litteraria do Arco do Cego, Lisboa.

VIEIRA LUSITANO, F., 1780. *O insigne pintor e leal esposo Vieira Lusitano, historia verdadeira, que elle escreve em cantos lyricos, e offerece ao illustr. e excellent. Senhor Jozé da Cunha Gran Ataide e Mello, Conde, e Senhor de Poyolide, do Conselho de Sua Magestade Fidelissima, Gentil-homem da sua Real Camara, Commendador da Ordem de Christo, Alcaide mór da Villa de Sernanselhe, &c.* Na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, Lisboa.